

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

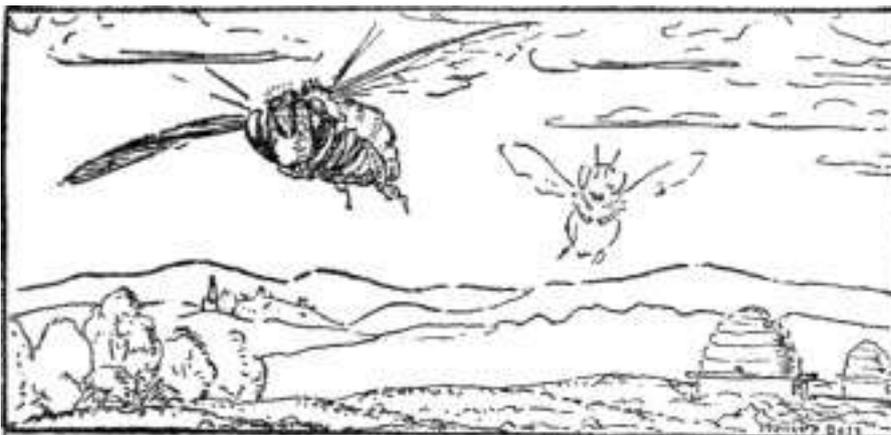
Ririro

Maya, a abelha, aprende a voar (1/17)

Maya é uma abelha pequena, alegre e teimosa que é muito curiosa. Ela vive muitas aventuras, e isso começa desde o nascimento.

A abelha Maya nasce como a última abelha em uma grande colmeia perto de uma ruína abandonada na floresta. Ela tem muitos irmãos e irmãs. A senhorita Cassandra é uma apicultora inteligente que ajuda no nascimento de muitas novas abelhas. Imediatamente fica claro que Maya é uma abelhinha terrivelmente curiosa. A primeira coisa que ela pergunta à senhorita Cassandra em seu nascimento é: "Por que você me chamou de

Maya?" ao que Cassandra responde: "Nada demais, todo mundo só precisa de um nome."



No dia em que Maya nasce, metade das abelhas da colmeia deve sair em enxame, caso contrário, não haverá espaço suficiente para todas as abelhas. Maya aprende muito com Dona Cassandra no primeiro dia de sua vida. Ela conhece

Willie, uma abelha que é muito doce, mas não tão esperta. Ela está na escola pela segunda vez.

“Nós, as abelhas, somos trabalhadoras”, explica a Srta. Cassandra. “Colhemos mel todos os dias, por isso é bom saber quais as flores mais indicadas para isso. Eu vou te ensinar tudo, e é importante que você saiba quem são seus inimigos. Veja a vespa, por exemplo, que é o nosso maior inimigo.”

No dia seguinte, quando Maya acorda, o pânico irrompe na colmeia. Muitas abelhas ficaram na colmeia, e a comoção faz com que a colmeia fique muito quente e o mel derreta. Isso é, claro, um grande desastre para os novos ovos postos pela rainha. O calor da colmeia só pode ser resfriado pelo movimento para cima e para baixo das asas de todas as abelhas. Maya também faz o seu melhor e percebe que, ao mover suas asas para cima e para baixo, ela está ficando cada vez mais alta no ar. Parece voar! Mas ela só tem sua primeira aula de voo naquela tarde.

Ela conta animada para toda a colmeia que vai aprender a voar, e a dona Cassandra vai ensiná-la.

Então é hora de Maya aprender a voar sozinha, e ela adora. Ela coleta mel e conhece Flip, o Gafanhoto. Flip não consegue ficar parado e tem que pular o tempo todo. “É exatamente isso



que os gafanhotos fazem!” ele explica a Maya. Ele promete ajudá-la se ela tiver problemas. “E isso definitivamente vai acontecer, porque você é tão teimosa!” ele adiciona.



Enquanto Maya voa da papoula para a tulipa, ela percebe que é muito mais divertido estar do lado de fora e decide que não vai voltar para a colmeia.

“Por que eu deveria voltar?” ela se pergunta. “Não acho nada agradável lá e não vejo sentido em tanto trabalho duro. Vou ficar do lado de fora e me divertir.

Fica tarde e escuro.

“Há uma linda flor onde vou dormir esta noite.” Voar a deixou tão cansada que ela adormece imediatamente e dorme como uma pedra.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

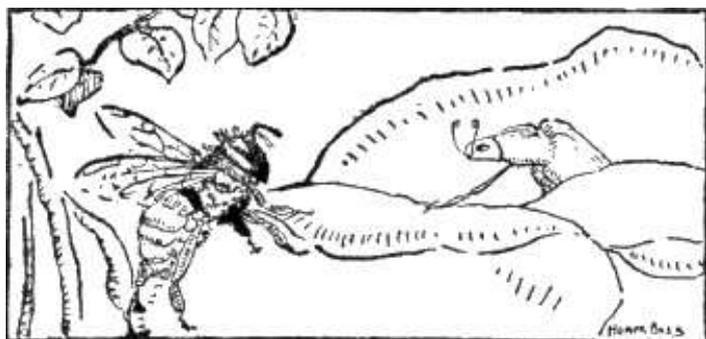
A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha na casa do rosa (2/17)

O sol já brilhava há algum tempo quando Maya acordou na flor onde havia adormecido na noite anterior. As pétalas balançavam suavemente na brisa leve. “É como se estivessem dançando!” exclamou Maya, ainda empolgada com todas as aventuras que vivera no dia anterior. “Eu definitivamente não vou voltar para a colmeia!” E quando ela pensava na senhorita Cassandra, seu coração batia mais rápido. Com que clareza ela havia mostrado como é terrível ter que voar para dentro e para fora da colmeia o tempo todo para coletar e carregar mel. Não, isso certamente não era uma vida para Maya. Ela queria desfrutar de sua liberdade, não importa como!

Enquanto isso, seu estômago começou a roncar um pouco. Era hora de comer alguma coisa. Ao longe, ela viu uma linda flor vermelha. Ela voou em direção a ela e, ao



fazê-lo, fez com que uma grande gota de água caísse da folha, espirrando no chão em dezenas de gotas de água brilhantes. Que bela visão aquela!

A flor vermelha espalhava um cheiro doce e delicioso. Na borda inferior da flor, dentro das pétalas, havia um besouro. Ele era um pouco menor que ela e tinha asas marrons e peito preto. Ele olhou para Maya sério e imperturbável. Maya cumprimentou o besouro com uma saudação amigável.

"O que você está fazendo aqui?" perguntou o besouro.

"Que flor linda é essa?" perguntou Maya, sem responder à pergunta do besouro. "Você poderia fazer a gentileza de me dizer o nome desta flor?"

O besouro riu, o que as abelhas não achariam muito educado se houvesse uma pergunta séria. "Você deve ser nova aqui", disse o besouro. E ele queria dizer que entendia que ela havia acabado de nascer e não podia saber muito ainda.

"É uma rosa", disse o besouro. "Agora você sabe."

Embora o besouro não tivesse as melhores maneiras de acordo com Maya, ela o achava um homem de boa índole.

"Mudamos para cá há quatro dias", disse o besouro.

"Você quer entrar e dar uma olhada?"

Maya hesitou, mas superou suas dúvidas e deu alguns passos à frente. O besouro empurrou uma pétala clara para o lado para deixar Maya entrar. Eles caminharam juntos pelas salas estreitas com sua luz suave e paredes perfumadas.

"Que casa encantadora!" exclamou Maya, "e cheira tão bem aqui!"

O besouro ficou satisfeito com a admiração de Maya.

"Saber onde morar requer sabedoria", disse ele, sorrindo gentilmente. "Diga-me onde você mora e eu lhe

direi quanto você vale", diz um velho ditado. Você gostaria de um pouco de néctar?"

"Bem, sim, por favor!" exclamou Maya, percebendo como ela estava com fome agora.

O besouro deixou Maya sozinha por um momento para pegar o néctar. Maya pressionou o nariz na pétala vermelha para sentir o cheiro completamente. "A vida é tão maravilhosa aqui", ela disse, "é muito melhor estar aqui do que no agito das abelhas que só voam de um lado para o outro e se preocupam em coletar mel. O silêncio é delicioso!"

De repente, houve um barulho alto atrás das paredes. Era o besouro rosnando excitado com muita raiva.

Parecia que ele estava empurrando alguém rudemente.

Um momento depois, ela ouviu o som de alguém correndo lá fora. O besouro voltou e jogou um pouco de néctar mal-humorado. "É uma vergonha!" ele disse. "Você não pode escapar dessas pragas em qualquer lugar. Elas não te dão um momento de paz."

Maya estava com tanta fome que pegou um pouco do néctar sem agradecer ao besouro. "Quem era aquela?" murmurou Maya com a boca ainda cheia.

"Era uma formiga", ele explodiu com raiva. "Elas têm na cabeça ir direto para a despensa sem nem um agradecimento. Elas pegam sem pedir. Isso me deixa furioso. Se eu não percebesse que essas criaturas mal-educadas realmente não sabem nada, eu não hesitaria por um momento em chamá-las de ladrões!"

Nesse ponto, ele de repente se lembrou de suas próprias maneiras. "Desculpe", disse ele, virando-se para Maya.

"Esqueci de me apresentar. Meu nome é Peter, da família dos besouros rosas."

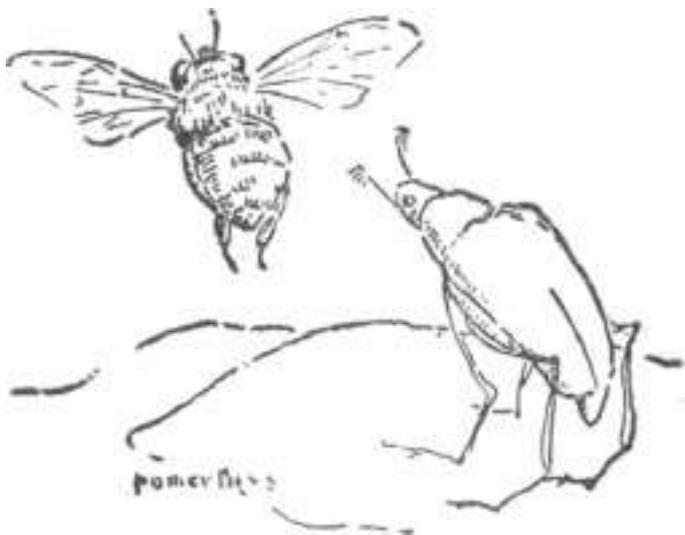
"Meu nome é Maya," disse a abelhinha timidamente.

"Estou encantada em conhecê-lo." Ela olhou para Peter com atenção; ele se curvou repetidamente e abriu suas antenas como dois pequenos leques marrons. Maya achou lindo.

"Você tem as antenas mais fascinantes", disse ela.

"Obrigado", disse Peter lisonjeado. "Gostaria de ver o outro lado?"

"Sim, por favor", respondeu Maya.



O besouro rosa desviou suas antenas em forma de leque e deixou um raio de sol deslizar sobre elas.

"Ótimo, não é?" ele perguntou.

"Acho muito especial!" Maya exclamou. "As minhas não são tão notavelmente bonitas."

"Oh," disse Peter, "todo mundo tem suas próprias características especiais. Por exemplo, você tem olhos muito bonitos e a cor dourada do seu corpo é muito atraente".

Maya sorriu. Peter foi o primeiro a dizer que ela era bonita. A vida era maravilhosa.

Ela tomou um pouco mais de néctar.

"Mel de excelente qualidade", observou ela.

“Tome um pouco mais”, disse Peter, bastante surpreso com o apetite de sua pequena convidada. “Também há um pouco de orvalho se você estiver com sede.”

“Muito obrigada”, disse Maya. “Mas agora eu tenho que voar de novo, se estiver tudo bem para você.”

O besouro rosa riu.

“Voe, sempre voando”, disse ele. “Está no sangue de vocês, abelhas. Não entendo um modo de vida tão inquieto. Também existem vantagens em ficar no mesmo lugar, não acha?”

Peter afastou a cortina vermelha educadamente.

“Vou com você até nossa folha de observação”, disse ele. “É um excelente lugar para voar.”

“Ah, obrigada”, disse Maya,

“mas posso voar de qualquer lugar.”

“Isso é uma vantagem sobre mim”, respondeu

Peter. “Tenho alguns problemas para desdobrar minhas asas traseiras.” Ele apertou a mão dela e abriu a última cortina para ela.

“Oh, o céu azul!” Maya exclamou. “Adeus.”

“Adeus!” Peter gritou, ficando na pétala superior para ver Maya subir na luz dourada do sol e no ar claro e puro da manhã. Com um suspiro, ele voltou para sua fria casa rosa e cantou uma canção matinal para si mesmo.



Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

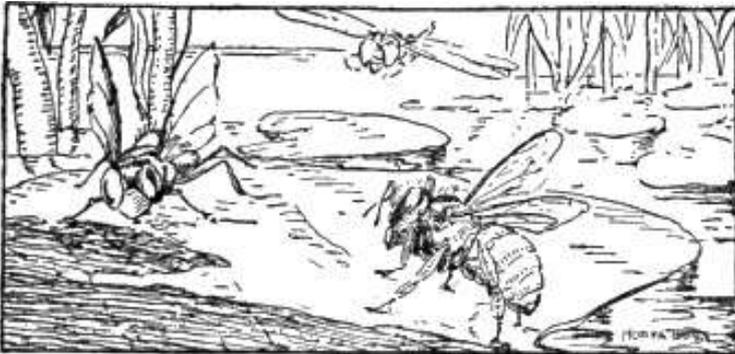
A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha e a libélula

(3/17)

Com alto astral e muita vontade de uma nova aventura, Maya sobrevoava os verdes prados. No caminho, ela já havia encontrado muitos outros insetos que frequentemente a cumprimentavam com alegria. Ela adorava desfrutar de sua liberdade, mas às vezes também se sentia um pouco culpada, sabendo que sua colônia de abelhas realizava seu trabalho atarefado diariamente.



À beira de um lago, Maya pousou para descansar sob a folha de um Nenúfar. Ela estava alisando as

asas quando uma mosca azul pousou na folha ao lado dela.

“O que você está fazendo na minha folha?” perguntou a mosca azul rabugenta. Maya foi pega de surpresa e gritou em um tom mais alto do que pretendia: “É tão ruim se eu descansar aqui por um tempo?”

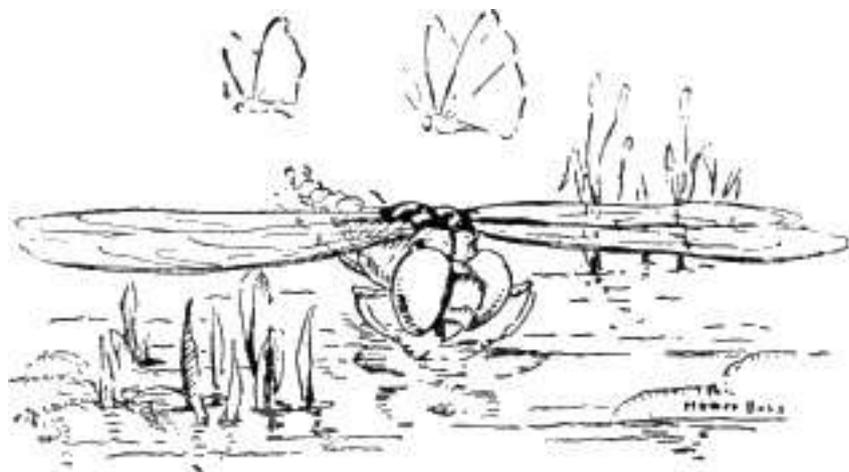
A senhorita Cassandra disse a ela que as abelhas eram vistas como importantes no mundo dos insetos e eram tratadas de acordo. Agora ela poderia ver se isso era mesmo verdade. A mosca azul realmente parecia

desconfortável. Ela podia ver isso claramente. Ela pulou de sua folha para uma acima de Maya e disse: “Você deveria estar trabalhando. Como uma abelha, você certamente deveria estar fazendo isso. Mas se quiser descansar, tudo bem. Vou esperar aqui um pouco.

“Tem muitas folhas, não tem?” comentou Maya.

“Elas estão todas alugadas”, disse a mosca azul. “Hoje em dia, você fica feliz em poder chamar um pedaço de terra de seu. Se meu antecessor não tivesse sido comido por um sapo há dois dias, eu ainda não teria um lugar decente para morar. Realmente não é agradável ter que procurar um novo lugar para ficar todas as noites. Nem todo mundo tem uma vida tão organizada como vocês, abelhas. Mas deixe-me apresentar-me, meu nome é Jack Christopher.”

Maya ficou em silêncio e pensou em como deve ser terrível cair nas garras de um sapo.



“Tem muitos sapos no lago?” ela perguntou, movendo-se para o meio da folha para evitar ser vista da água.

A mosca azul riu. “O sapo pode ver você por baixo quando o sol brilha, porque então a folha fica transparente. Ele pode vê-la perfeitamente sentada na minha folha.

De repente, Maya não se sentiu muito confortável na folha. Ela estava prestes a voar para longe quando Jack Christopher foi pego por uma grande e brilhante libélula. Sem pensar, ela gritou: "Solte a mosca azul imediatamente! Você não tem o direito de querer comer alguém ao acaso!" A libélula virou-se para Maya. Ela se assustou com seu grande tamanho e tremeu como um junco. "Por que não? O que está acontecendo, criança?" perguntou a libélula em um tom surpreendentemente amigável.

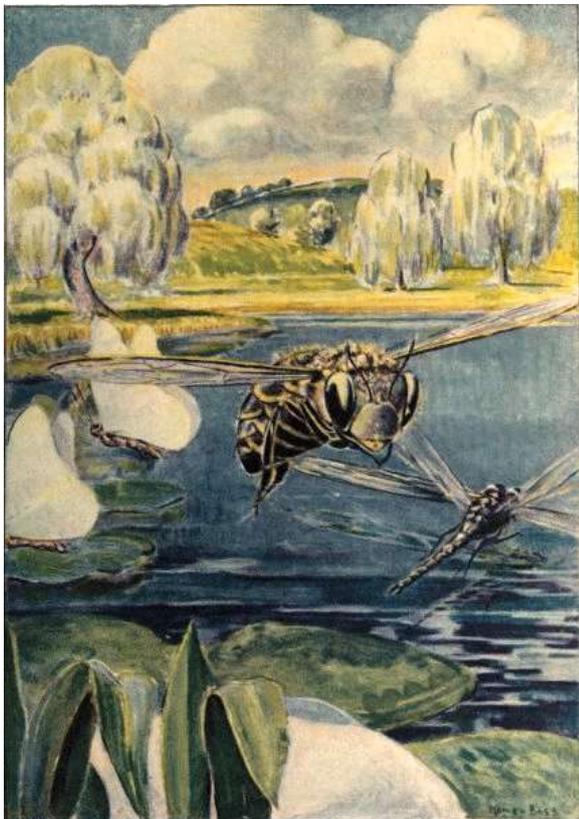
"Por favor, deixe-o ir," Maya gritou, com lágrimas brotando de seus olhos. "O nome dele é Jack Christopher." A libélula sorriu. "Por que, pequenina?" Maya gaguejou impotente. "Oh, ele é um cavalheiro tão bom e encantador, e ele nunca lhe fez nenhum mal, até onde eu sei." A libélula olhou pensativa para Jack Christopher. "Sim, ele é um carinha doce," respondeu a libélula e SNAP! Jack Christopher desceu por sua garganta. Por um momento, Maya não soube o que dizer. Ela ouviu horrorizada enquanto a libélula mordiscava e mordia. Ela olhou para a libélula, atordoada.

"Não seja tão sensível," disse a libélula. "Sua sensibilidade não me impressiona. Vocês, abelhas, não são melhores. O que você está fazendo aqui?"

Aparentemente, você ainda é muito jovem e não sabe muito sobre a vida. Todos aqui na natureza têm seu próprio lugar e suas próprias tarefas. Você provavelmente tem muito a aprender. Então pare de me dar sermão.

"Não se atreva a se aproximar", gritou Maya, "porque se fizer isso, vou usar meu ferrão em você." A Libélula

lançou-lhe um olhar severo e falou devagar e ameaçadoramente: "Libélulas e abelhas se dão bem e não se ameaçam".



"Bem, isso parece muito sábio," disse Maya.

A Libélula se preparou para decolar, abrindo suas asas de cristal para voar sobre o lago. A luz do sol na água criou um brilho em suas asas e foi uma visão tão bonita que Maya esqueceu momentaneamente seu amigo Jack Christopher e seu medo. "Que bonita!" ela exclamou.

"Você quer dizer eu?" a

Libélula perguntou, surpresa, mas rapidamente acrescentou: "Sim, eu sei que estou fantástica. Recentemente, fui avistada por pessoas na margem do rio e eles falaram sobre minha bela aparência."

"Pessoas?" Maya exclamou, porque ela estava muito curiosa sobre os humanos. "Você viu pessoas?"

"Claro," disse a Libélula. "Mas você provavelmente está mais interessada em meu nome. Meu nome é Lovedear.

"Oh, em vez disso, me fale mais sobre as pessoas," Maya interrompeu a libélula. "Os humanos também têm ferrões?"

"Oh não, definitivamente não," respondeu a Libélula, sentando-se na folha ao lado de Maya. "Não, os humanos

têm armas piores contra nós. Eles são muito perigosos. Não há uma alma que não tenha medo deles.”

“Eles tentam pegar você?” perguntou Maya animadamente.

“Sim, você não entende por quê?” A Srta Lovedear olhou para suas asas. “Raramente encontrei um humano que não tentou me pegar.”

“Mas por que?” perguntou Maya, tremendo.

“Bem, você vê,” disse Srta Lovedear com um sorriso modesto e um olhar de soslaio, “há algo atraente em nós, libélulas. Essa é a única razão que eu conheço.”

“Para comer você?” perguntou Maya.

“Não, acho que não”, disse a Libélula. “Até onde eu sei, humanos não comem libélulas. É mais um esporte. Os humanos são sedentos por sangue. Eles fazem isso por diversão. Mas posso ver em seu rosto que você não acredita em mim?”

“Claro que duvido,” Maya exclamou indignada. Srta Lovedear encolheu os ombros brilhantes. “Vou contar uma história terrível. Meu irmão tinha um futuro promissor pela frente, mas um dia ele foi pego por uma criança. Ele foi colocado em uma jarra com a tampa fechada. Meu pobre irmão logo ficou sem ar e morreu. Essa é uma maneira terrível de morrer, você não acha? Uma lágrima rolou pela bochecha da Libélula. “Penso nele todos os dias.”

“Terrível”, sussurrou Maya, sentindo-se infeliz com a triste história.

“Você já sentiu tristeza em sua vida?” perguntou a Libélula.

“Não”, disse Maya. “Na verdade, sempre fui feliz até agora.”

“Então você deveria agradecer aos céus,” disse Srta Lovedear. “Mas agora devo ir. Se quiseres, conto-te mais outra hora. Adeus, Maya!” E então ela voou para longe. Maya a ouviu cantando uma música. Então Maya pensou que era hora de voar para longe e levantou suas próprias asas para continuar em seu próprio caminho.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha, conhece Effie E Bobbie (4/17)

Maya havia dormido maravilhosamente na coroa de uma linda flor azul. Ela acordou com um leve som “batidas” nas pétalas das flores. Estava chovendo! Foi a primeira vez na jovem vida de Maya que ela viu chuva. Ela achou lindo, mas também sabia que a chuva era algo que uma abelha deveria ter cuidado. A senhorita Cassandra a havia avisado desde o início sobre a chuva. Com as asas molhadas, era muito mais difícil voar, e a chuva também podia ser muito fria no corpo. Ela enfiou a cabeça entre



as pétalas das flores para ver o que estava acontecendo na grama.

Lentamente, seus pensamentos se voltaram para a Colmeia e ela

começou a sentir um pouco de saudade de casa pela proteção que ela oferecia. A chuva significaria que não haveria trabalho por um tempo. A Abelha Rainha fazia sua ronda para cumprimentar todas as Abelhas e botava um ovo aqui e ali. Ela começou a se sentir um pouco solitária e também estava ficando com frio. “Espero que pare de chover logo”, pensou ela, “porque por mais linda que seja esta flor, ela não tem muito néctar.”

Então ela percebeu que o sol tinha uma grande importância na vida de um aventureiro. "Sem o sol, quase ninguém se aventurava", pensou ela, que se orgulhava de ter tido a coragem de começar a vida sozinha. Ela já havia experimentado tanto, muito mais do que as outras Abelhas jamais experimentariam em suas vidas. A experiência era a coisa mais preciosa da vida e valia qualquer sacrifício, pensou ela.

Um bando de formigas passou marchando, cantando uma música juntas enquanto se moviam pela grama. De repente, um dente-de-leão foi brutalmente afastado por um grande besouro azul. Parecia uma meia esfera de metal escuro com luzes azuis, verdes e ocasionalmente negras brilhando aqui e ali. Sua casca era dura e parecia que nada poderia destruí-la. A música dos soldados-formiga aparentemente o acordou de seu sono. Ele parecia muito zangado e gritou: "Abram caminho! Estou chegando! Abram caminho!"

Ele provavelmente pensou que o grupo de formigas sairia do seu caminho. "Ainda bem que não estou no caminho dele", pensou Maya, e se retirou ainda mais para dentro do sino da flor. O besouro moveu-se com um movimento oscilante pela grama molhada e parou imóvel sob a flor de Maya. No chão, ela viu uma folha murcha que o besouro afastou. Embaixo, Maya viu um buraco no chão. Maya ficou muito quieta. O único som era o tamborilar suave da chuva.

Então ela ouviu o besouro gritar pelo buraco: "Se você quer se casar comigo, você deve decidir agora se levantar. Já é dia." Vários momentos se passaram antes

que a resposta viesse. Então Maya ouviu uma voz fina e estridente saindo do buraco.

“Pelo amor de Deus, feche a porta aí em cima. Está chovendo aqui dentro.”

O besouro obedeceu. Ele ficou em uma postura expectante, com a cabeça um pouco para o lado, e espiou pela fresta.

“Por favor, se apresse,” ele resmungou.

Um inseto marrom rastejou lentamente para fora do buraco. Tinha um corpo rechonchudo, pernas extremamente finas e lentas e uma cabeça assustadoramente grossa com antenas pequenas e eretas.

“Bom dia, querida Effie,” disse o besouro. “Você dormiu bem, minha querida?”

“Não vou com você, Bobbie”, respondeu ela. “As pessoas estão falando sobre nós.”

“Não entendo”, gaguejou o besouro. “Nossa felicidade recém-encontrada deve ser destruída por tal absurdo? Effie, pense nisso. O que você se importa com o que as pessoas dizem? Você tem o seu buraco. Você pode rastejar para dentro dela sempre que quiser. E se você for fundo o suficiente, não ouvirá nenhuma das fofocas acima do solo.



“Bobbie, você não entende. Eu tenho minhas próprias ideias sobre isso. Além disso, você se aproveitou da minha ignorância. Você me deixou pensar que era um besouro rosa, mas ontem um caracol me disse que você é um besouro de esterco. E isso é bem diferente, não é?”

Bobbie ficou atordoado. Quando se recuperou do choque, gritou com raiva: “Não, não entendo. Eu não consigo entender. O amor é algo que se sente um pelo outro, não importa quem você seja, não é?”

“Bem, isso é importante para mim”, respondeu Effie. “Se você é uma criatura que gosta de rolar no esterco, então devo dizer que tal comportamento não combina comigo. Então adeus!”

E... POOF... Effie se arrastou para dentro de seu buraco como se uma rajada de vento a tivesse levado embora. Effie se foi e Bobbie olhou espantado para a abertura vazia e escura. Parecia tão bobo que Maya acabou rindo. O besouro balançou a cabeça e suas antenas caíram. “As pessoas não apreciam mais a força de caráter e o respeito mútuo é difícil de encontrar”, ele suspirou. “Não posso admitir isso para mim mesmo, mas ela é absolutamente insensível. Mas mesmo que ela não tenha os sentimentos certos por mim, ela deveria ser sábia o suficiente para se casar comigo e ser minha esposa.”

Maya viu as lágrimas brotando em seus olhos e seu coração se encheu de pena.

“Meu Deus”, ela pensou, “há de fato muita tristeza no mundo.”

Então ela viu o besouro morder um pedaço de uma minhoca e comê-la. E o resto da minhoca continuou se contorcendo?! “Que incrivelmente estranho”, pensou

Maya. Ela queria perguntar ao besouro sobre isso e gritou: "Olá!" O besouro se assustou. "Saia do caminho!" o besouro gritou.

"Mas não estou no seu caminho", disse Maya.

"Onde você está então? Não consigo ver você", disse o besouro.

"Estou aqui na flor azul", gritou Maya.

"Ok, mas eu não posso te ver. Por que você me chamou?"

"A outra metade da minhoca está fugindo", disse Maya.

"Sim", disse Bobbie, "elas são criaturas muito vivas. Mas perdi o apetite. Então ele jogou fora o pedaço de minhoca que havia mordido, e até essa parte da minhoca fugiu, mas na direção oposta.

Maya estava completamente confusa. Mas Bobbie parecia estar familiarizado com essa peculiaridade das minhocas.

"Não pense que eu sempre como minhocas", comentou o besouro. "Eu prefiro rosas, mas você não as encontra em todos os lugares."

"Diga ao pedacinho de minhoca para onde foi a outra metade", Maya gritou animadamente.

Bobbie balançou a cabeça e falou em tom sério: "Aqueles separados pelo destino nunca são reunidos. E quem é você?"

"Maya, do Povo das Abelhas."

"Fico feliz em ouvir isso", disse o besouro. "Não tenho nada contra as abelhas. Por que você está sentada aí? As abelhas geralmente não ficam paradas. Você está aí há muito tempo?"

"Eu dormi aqui", disse Maya.

“Espero que você tenha dormido bem”, disse Bobbie, parecendo zangado. “Acabou de acordar?”

— Sim — disse Maya, que sabia que Bobbie não iria gostar se ela tivesse escutado a conversa dele com Effie, o grilo.

“Sou Bobbie, da família dos besouros-rosa”, disse o besouro.

Maya teve que rir para si mesma, porque ela sabia muito bem que ele não era um besouro rosa, mas um besouro de esterco. Mas ela não disse nada sobre isso porque não queria ferir seus sentimentos.

“Você não está incomodado com a chuva?” ela perguntou.

“Não, estou acostumado com a chuva, com as rosas, sabe. Onde crescem rosas, costuma chover.”

Maya pensou consigo mesma: “Agora ele realmente tem que parar com todas essas mentiras. Não vou mais deixar que ele me engane.

“Bobbie”, ela disse com um sorriso travesso, “o que é aquele buraco embaixo da folha?”

“Um buraco? Um buraco, você diz? Há muitos buracos aqui. Provavelmente é apenas um buraco. Você não tem ideia de quantos buracos existem no chão.”

Bobbie mal terminou de falar quando algo terrível aconteceu. Em sua tentativa de agir como se não o incomodasse, ele perdeu o equilíbrio e caiu. Maya ouviu um grito desesperado e no momento seguinte viu o besouro caído de costas na grama. Seus braços e pernas balançavam no ar.

"Oh Deus!" guinchou o besouro. "Nunca mais vou conseguir ficar de pé. Eu vou morrer. Eu vou morrer nesta posição. Você já ouviu falar de um destino pior?" E Bobbie continuou tentando tocar o chão com os pés. Mas toda vez que ele conseguia agarrar um pedaço de terra com dificuldade, ele caía para trás em sua meia esfera alta de costas. A situação parecia realmente desesperadora. Maya começou a se preocupar seriamente. Ele estava ficando muito pálido e seus gritos eram de partir o coração.

"Espere!" ela gritou. "Vou tentar virar você. Se eu me esforçar muito, tenho certeza de que consigo. Mas você tem que parar de gritar e me ouvir. Se eu dobrar uma folha de grama para a frente e dobrar a ponta em sua direção, você pode usá-la para se colocar na posição certa?"

Assim, a pequena Maya voou, apesar da chuva, de seu ponto protetor na flor para uma fina folha verde de grama ao lado de Bobbie e agarrou-se a ela na ponta. Ela dobrou sob seu peso e afundou bem acima dos membros contorcidos de Bobbie.

"Segure-se", ela gritou.

Bobbie agarrou-a rapidamente, primeiro com uma mão, depois com a outra e finalmente com as pernas. Pouco a pouco, ele foi se arrastando pela folha de grama até chegar à parte mais grossa e forte da grama. Agora ele poderia segurá-la melhor e virar-se com ela. Ele soltou um enorme suspiro de alívio.

"Graças a Deus!" ele exclamou. "Foi terrível!"

"Você está se sentindo melhor agora?" perguntou Maia.

Bobbie agarrou sua testa. "Obrigado, Mayara. Muito obrigado. Quando minha tontura passar, contarei tudo sobre mim."



Mas Maya não ouviu mais nada. Um rato do campo veio pulando pela grama à procura de insetos. Maya se escondeu e ficou imóvel no chão até que o pássaro sumisse. Quando ela procurou por Bobbie, ele havia sumido. Então ela resolveu seguir seu caminho

também, pois a chuva havia parado e o dia estava claro e quente.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



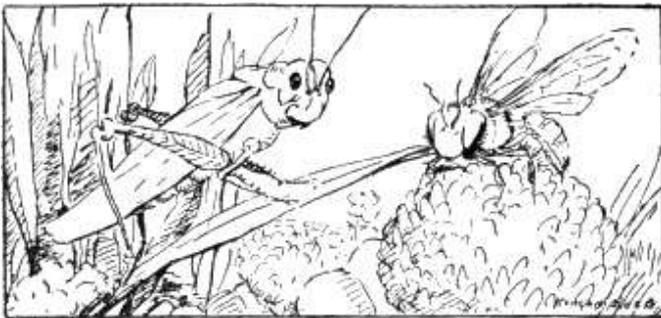
Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha e o acrobata (5/17)

Maya se acomodou em um buraco em uma árvore. Era seco e seguro. Para se proteger de todas as criaturas com más intenções, ela selou parcialmente a entrada do buraco da árvore com cera de abelha. Ela também havia guardado um pouco de mel ali, para não passar fome em dias de chuva.



Hoje, estava seco e ela poderia voar novamente. "Hoje eu vou conhecer um humano," ela exclamou alegremente. "Em dias como este, com certeza

as pessoas querem estar ao ar livre para curtir a natureza."

Ela nunca tinha visto tantos insetos em um dia. Eles estavam indo e vindo. No ar, podia-se ouvir o zumbido alegre de vários insetos. Na grama, ela viu trevos e decidiu tomar um gole do néctar das flores. No topo da flor que estava inclinada sobre Maya, ela de repente viu uma criatura verde e magra sentada. Ela achou a criatura assustadora e estava com tanto medo que não conseguia se mexer. Ele tinha uma estranha testa protuberante e longas e finas antenas saindo de suas sobrancelhas. Seu corpo era magro e verde por toda

parte. Até seus olhos eram verdes. Tinha patas dianteiras graciosas e asas finas e discretas que, segundo Maya, não seriam de muita utilidade. A coisa mais estranha sobre ele eram suas patas traseiras, que se projetavam como duas estacas semelhantes a dobradiças sobre seu corpo.

“Já terminou de olhar?” disse a criatura. “Você nunca viu um gafanhoto antes? Ou você está botando ovos neste momento?”

“O que você está falando?” Maya exclamou surpresa.

“Botando ovos? Nem passaria pela minha cabeça. Mesmo que pudesse, não o faria. Se não eu assumiria a tarefa da rainha. Ela é a única que pode e deve fazer isso!”

O gafanhoto abaixou a cabeça e fez uma cara tão engraçada que Maya acabou rindo dele.

“Senhora”, disse o gafanhoto. “Você é um personagem e tanto!” Então o gafanhoto também riu.

“Por que você está rindo?” perguntou Maia. “Você não pode achar que eu colocaria ovos aqui na grama, certo?”

Então o gafanhoto disse: “Hopla!” e com um salto, ele se foi. Então ele voltou para Maya com outro “Hopla!”

O gafanhoto olhou para Maya de cima a baixo, de todos os lados, de frente e de costas. “Não”, disse ele. “Você

definitivamente não pode botar ovos. Você não está equipada para isso. Você é uma vespa, não é?”

Ser chamada de vespa! Maya achou isso um grande insulto.

“Como você ousa me chamar de vespa?” ela gritou com raiva.

“Hopla!” disse o gafanhoto, e ele se foi novamente.



Maya voou para longe, ofendida. Como ele ousa chamá-la de vespa? Ela pensava que as vespas eram criaturas inúteis. Isso a deixou com muita raiva. "Hopla!" lá estava ele de novo.

"Senhora", disse o gafanhoto. "Peço desculpas por ocasionalmente

interromper nossa conversa. Mas é algo só meu, que tenho que pular de vez em quando. Eu não posso evitar. Ocasionalmente eu tenho que pular, onde quer que seja. Você pode pular também?"

Ele sorriu de orelha a orelha e Maya não podia mais ficar brava com ele e teve que rir.

"Quem é você?" perguntou Maya. "Eu gostaria de saber."

"Bem, todo mundo sabe quem eu sou", disse o gafanhoto. Maya nunca sabia se ele estava brincando ou falando sério.

"Sou uma estranha por aqui", ela respondeu gentilmente, "caso contrário, certamente o conheceria. Mas lembre-se de que pertenço à família das Abelhas e absolutamente não sou uma vespa.

"Meu Deus", disse o gafanhoto. "Vocês são muito parecidas."

"Você obviamente nunca foi à escola," ela explodiu. "Dê uma boa olhada em uma vespa."

"Por que eu deveria?" respondeu o gafanhoto. "De que adiantaria perceber diferenças que existem apenas na imaginação dos humanos? Você, uma abelha, voa no ar, pica qualquer coisa que encontra e não pode pular. O mesmo vale para uma vespa. Então, onde está a diferença?"

"Hopla!" E ele se foi.

"Mas agora vou voar para longe", pensou Maya. Lá estava ele de novo.

"Senhora", disse o gafanhoto, "gostaria de convidá-la para uma competição de saltos da qual eu mesmo participarei, no jardim do guarda-florestal."

"Não me interesse por acrobacias", disse Maya. "Alguém que voa tem interesses mais elevados."

O gafanhoto sorriu, um sorriso que você quase podia ouvir.

"Não pense muito bem de si mesma, minha querida jovem! A maioria das criaturas neste mundo pode voar, mas apenas algumas podem pular. Conheci gafanhotos, membros da minha própria família, que podem saltar até trezentas vezes o seu próprio comprimento. Trezentas vezes o seu próprio comprimento! Imagine isso. Mesmo o elefante, o maior animal do mundo, não consegue pular tão alto."

"Hopla!" E ele se foi novamente.

Maya o achou um cara estranho, aquele gafanhoto que se autodenominava Flip, o gafanhoto. Mas na breve conversa que teve com ele, ele lhe ensinou muitas coisas novas. Embora ela não concordasse com as ideias dele sobre pular, ela o achava muito interessante. Ele sabia os nomes de muitos tipos diferentes de criaturas. Ele

entenderia a língua delas também? Se ele voltasse, ela perguntaria a ele. E ela também perguntaria o que ele achava de chegar perto de um humano ou entrar na casa de um humano.

“Hopla!” Lá estava o gafanhoto novamente.

“Meu Deus! De onde você continua vindo?” Perguntou Maia.

“Dos arredores”, disse o gafanhoto.

“Mas diga-me, você simplesmente pula no mundo sem saber onde quer pousar?” Maya perguntou novamente.



“Claro. Por que não? Você pode ler o futuro? Ninguém pode fazer isso. Só o sapo da árvore sabe, mas ele nunca conta!” disse o gafanhoto.

“As coisas que você sabe! Maravilhoso, simplesmente maravilhoso!” exclamou Maya.

“Você também entende a linguagem dos humanos?” Maya perguntou curiosa.

“Essa é uma pergunta difícil de responder, Maya, porque não foi provado se os humanos têm uma linguagem. Eles emitem sons e parecem se entender. Certa vez, ouvi dois meninos soprando em uma folha de grama. O resultado foi um apito que pode ser comparado ao chilrear de um grilo, embora com muito menos qualidade de som. Aparentemente, os humanos fazem uma tentativa honesta”, respondeu o gafanhoto. E mais uma vez, o gafanhoto decolou. Mas desta vez, Maya esperou em vão por ele. Ela olhou ao redor na grama e nas flores. Ele estava longe de ser visto.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha e Puck, a mosca (6/17)

Maya, sentindo-se sonolenta com o calor da tarde, voou vagarosamente pelo jardim em direção ao abrigo fresco de uma grande castanheira. Em um pedaço plano de grama na sombra sob a árvore, cadeiras e mesas foram colocadas, provavelmente para uma refeição ao ar livre. Um pouco mais adiante, o telhado de telhas vermelhas da casa de um fazendeiro brilhava e finas colunas de fumaça azul subiam das chaminés.

Agora, pensou Maya, agora ela finalmente veria um humano. Ela alcançou o coração do reino humano? A árvore devia ser propriedade dele, e a estranha engenhoca de madeira na sombra lá embaixo devia ser uma colmeia. Então algo zumbiu, uma mosca pousou na folha ao lado dela. A pequena criatura corria para cima e para baixo na folha verde em pequenos solavancos.

Suas pernas não podiam ser vistas se movendo, e parecia estar se arrastando animadamente. Então voou de uma folha larga para outra, mas tão rápido e inesperadamente que você pensaria que não voou, mas sim saltou.

Aparentemente, procurava o ponto mais confortável da folha. Ocasionalmente, sem motivo aparente, voava brevemente e zumbia violentamente, como se algo terrivelmente desagradável tivesse acontecido, fazendo

com que o mundo parasse. Então caiu de volta na folha, como se nada tivesse acontecido, e começou a correr novamente. Por fim, ficou imóvel, como uma estátua congelada.



Observando suas travessuras, Maya foi até a mosca e disse educadamente: "Como vai? Bem-vinda à minha folha. Você é

uma Mosca, não é?"

"O que mais você acha que eu sou?" disse a pequena Mosca. "Meu nome é Puck. Eu estou muito ocupada. Você quer me afugentar?"

"Por que eu deveria? De jeito nenhum. É um prazer conhecê-la — disse Maya.

"Eu acredito em você," foi tudo o que Puck disse, e então ela tentou puxar sua própria cabeça para fora de seu corpo.

"Meu Deus, o que você está fazendo?" exclamou Maya.

"Eu tenho que fazer isso. Você não entende. É algo sobre o qual você, como Abelha, não sabe nada," disse Puck, agora calma novamente. E ela deslizou as pernas sobre as asas até que elas se curvassem ao redor da ponta de seu corpo. "Além disso, sou mais do que apenas uma mosca", acrescentou com certo orgulho. "Eu sou uma mosca doméstica. Eu voei para cá para tomar ar fresco.

"Que interessante!" exclamou Maya alegremente. "Então você deve saber tudo sobre humanos."

"Tão bem quanto eu conheço os bolsos das minhas calças," bufou Puck com desdém. "Eu sento em humanos

todos os dias. Você não sabia disso? Achei que vocês, Abelhas, deveriam ser inteligentes. Você certamente age assim.”

“Meu nome é Maya”, disse a abelhinha, um tanto tímida. Ela não entendia de onde os outros insetos sempre tiravam sua autoconfiança, para não falar de sua audácia.

“Obrigada pela informação. Seja qual for o seu nome, você é uma tola. Você deve ser cuidadosa e cautelosa”, disse ela. “Isso é o mais importante de tudo.”

Mas, nesse meio tempo, uma onda de raiva surgiu na pequena Maya. O insulto que Puck tinha lançado nela era demais. Sem realmente saber por que ela estava fazendo isso, ela correu para ela, agarrou-a pelo colarinho e segurou-a com força.

“Eu vou te ensinar como ser educada com uma Abelha,” ela gritou.

Puck começou a chorar muito, “Por favor, não me pique,” ela lamentou. “É a única coisa que você pode fazer, mas é letal. Deixe-me ir, por favor, deixe-me ir, se ainda puder. Eu farei qualquer coisa que você disser. Você não consegue entender uma piada? Era só uma piada. Todos sabem que as abelhas são os insetos mais respeitados e os mais poderosos e numerosos. Não me mate, por favor. Não haverá ninguém para me trazer de volta à vida. Boa graça! Ninguém nunca aprecia meu humor!”

“Tudo bem”, disse Maya, “vou deixar você viver com a condição de que me conte tudo o que sabe sobre os humanos.”

– Farei isso com prazer – exclamou Puck. “Eu teria dito a você de qualquer maneira. Mas, por favor, deixe-me ir primeiro.

Maya a soltou. Seu respeito pela Mosca e qualquer confiança que pudesse ter nela haviam desaparecido. Que valor poderiam ter as experiências de um ser tão inferior? O que ela saberia sobre as pessoas? Ela mesma teria que aprender mais sobre os humanos. No entanto, a lição não foi em vão. Puck agora estava se mantendo mais calma. Mas resmungando e resmungando baixinho, ela endireitou suas antenas e asas, e os minúsculos pelos em seu corpo preto que estavam horrivelmente amassados porque Maya, a Abelha, a pegou tão forte.

“Tudo no meu corpo está fora do lugar, está completamente fora de controle!” ela murmurou em um tom de dor. “Isso é por causa de sua maneira animada de fazer as coisas. Mas me diga, o que você quer saber sobre os humanos? Acho que a melhor coisa que posso fazer é contar algumas coisas da minha própria vida. Veja bem, eu cresci entre os humanos, então você vai ouvir exatamente o que quer saber.

“Você cresceu entre os humanos?”

“Claro. Foi no canto do quarto onde minha mãe botou o ovo de onde eu saí. Fiz minhas primeiras tentativas de andar em seu guarda-sol e testei a força de minhas asas voando de Schiller a Goethe.”

“O que são Schiller e Goethe?”

“São estátuas,” explicou Puck num tom muito superior, “estátuas de dois homens que se distinguiram dos outros, aparentemente. Eles estão embaixo do espelho, um à direita e outro à esquerda, mas ninguém presta atenção neles”.



“O que é um espelho? E por que as estátuas estão embaixo do espelho?”

“Como uma mosca, um espelho é bom para ver sua barriga quando você rasteja sobre ele. É muito divertido. Quando as pessoas vão ao espelho; ou colocam as mãos nos cabelos ou puxam a barba. Quando estão sozinhos, sorriem para o espelho, mas quando há mais alguém na sala, ficam muito sérios. Qual é o seu propósito, eu nunca fui capaz de descobrir. Parece ser um jogo inútil deles. Eu mesmo, quando ainda era criança, tinha muita dificuldade com o espelho. Eu queria voar para ele, mas é claro que fui jogada para trás com força.”

Maya fez mais perguntas a Puck sobre o espelho, que ela achou muito difícil de responder.

“Olhe,” ela disse finalmente, “você nunca voou sobre a superfície lisa da água? Bem, um espelho é assim mesmo.

A pequena Mosca, que viu que Maya ouvia suas experiências com muito respeito e atenção, ficou muito mais simpática e educada. Quanto à opinião de Maya

sobre Puck, embora ela não acreditasse em tudo o que ela lhe disse, se arrependeu de pensar tão desdenhosamente dela em seu encontro anterior. Puck continuou sua história: "Demorei muito para entender a língua deles. Agora eu finalmente sei o que eles querem. Não é muito porque eles costumam dizer a mesma coisa todos os dias."

"Mal posso acreditar nisso", disse Maya. "Eles têm tantos interesses, pensam em muitas coisas e fazem muitas coisas. Cassandra me disse que eles constroem cidades tão grandes que você não pode voar ao redor delas em um dia, torres tão altas quanto o vôo nupcial de nossa abelha rainha e casas que flutuam na água. E então eles também têm casas que deslizam sobre a terra em duas rodas estreitas de prata e vão mais rápido que os pássaros."

"Espere um minuto," Puck disse energicamente. "Quem é Cassandra, se me permite a ousadia de perguntar?"



"Ah, ela foi minha professora."

"Professor," repetiu Puck desdenhosamente. "Provavelmente uma abelha. Quem mais além de uma Abelha superestimaria os humanos assim? Sua senhorita Cassandra, ou seja lá qual for o nome dela, não conhece a história dela. Nenhuma dessas cidades, torres e outras engenhocas humanas de que você fala são boas para nós."

Puck fez alguns movimentos em zigue-zague na folha e puxou sua cabeça novamente, para grande preocupação de Maya.

"Você sabe como pode dizer que estou certa?" Puck perguntou, esfregando as mãos como se as estivesse amarrando em um nó. "Conte o número de humanos e o número de moscas em uma sala. O resultado vai te surpreender."

"Você pode estar certa. Mas esse não é o ponto."

"Você acha que eu nasci este ano?" Puck perguntou de repente.

"Não sei."

"Eu sobrevivi a um inverno," Puck anunciou com orgulho.

"Minhas experiências remontam à Era do Gelo. De certa forma, elas me levam através da Era do Gelo. É por isso que estou aqui também, estou aqui para me recuperar."

"O que quer que você seja, certamente é uma criatura corajosa", observou Maya.

- Isso é o que eu diria. - Puck exclamou, e deu um leve salto. "As moscas são a raça mais ousada da criação.

Nunca fugimos a menos que seja melhor fugir, mas mesmo assim sempre voltamos. Você já se sentou em um humano?"

"Não", disse Maya, olhando desconfiada para a Mosca com o canto do olho. Ela ainda não sabia bem o que fazer com ela. "Não, não estou interessada em sentar em humanos."

"Ah, querida criança, é porque você não sabe como é. Se você tivesse visto como me divirto com o homem em casa, ficaria verde de inveja. Deixe-me dizer-lhe. Tem um velho no meu quarto. Muitas vezes ele adormece no

sofá e começa a fazer barulhos estranhos. Para mim, eles são um sinal de que devo descer. Eu voo até lá e sento na testa do homem adormecido. A testa fica entre o nariz e o cabelo e é usada para pensar. Você pode vê-lo nas longas rugas da esquerda para a direita. Elas devem se mover quando algo valioso precisa sair de seu pensamento. A testa também mostra se as pessoas estão irritadas. Mas então as dobras se movem para cima e para baixo e uma cavidade redonda se forma acima do nariz. Assim que me sento em sua ruga pensante e começo a correr para frente e para trás nas rugas, o homem levanta as mãos no ar. Ele acha que estou em algum lugar no ar. Isso porque estou sentada em sua ruga de pensamento e ele não pode determinar rapidamente onde eu realmente estou. Eventualmente, ele começa a resmungar e me bater. Bem, senhorita Maya, ou seja lá qual for o seu nome, você tem que ser esperta sobre isso. Vejo a mão chegando, mas espero até o último momento, então voo habilmente para o lado, sento e vejo o que ele faz a seguir. Muitas vezes jogávamos o jogo por meia hora inteira. Você não tem ideia de quanta resistência esse homem tem. Finalmente, ele pula e solta uma série de palavras mostrando como ele é ingrato. Mas uma alma nobre como eu não busca recompensa. A essa altura, já estou sentada no teto, ouvindo sua explosão ingrata."

"Não posso dizer que gosto muito", comentou Maya.

"Não é um tanto inútil?"

"Você espera que eu coloque um favo de mel no nariz dele?" Puck exclamou. "Você não tem senso de humor, querida. O que você faz de útil?"

A pequena Maya ficou completamente vermelha, mas rapidamente se recuperou para esconder seu constrangimento de Puck.

“Logo chegará a hora”, ela zumbia, “em que farei algo grande e bonito, e também bom e útil. Mas primeiro, quero ver o que está acontecendo no mundo. No fundo do meu coração, sinto que está quase na hora.”

Enquanto falava, Maya sentiu uma onda de esperança e entusiasmo tomar conta de seu ser.

Mas Puck não parecia perceber o quão séria e profundamente comovida ela estava. Ela ziguezagueou um pouco em seu jeito inquieto e então perguntou: “Por acaso você tem algum mel com você, querida menina?”

“Sinto muito”, respondeu Maya. “Eu adoraria lhe dar um pouco, especialmente depois que você me entreteve tão agradavelmente, mas eu realmente não tenho nenhum mel comigo. Posso fazer mais uma pergunta?”

– Pergunte o que quiser – disse Puck. “Eu responderei, sempre responderei.”

“Gostaria de saber como entrar na casa de um humano.”

“Voe para dentro,” Puck disse habilmente.

“Mas como, sem correr perigo?”

“Espere até que uma janela seja aberta. Mas certifique-se de encontrar o caminho de volta. Uma vez que você está dentro e não consegue encontrar a janela, a melhor coisa a fazer é voar em direção à luz. Em cada casa, você sempre encontrará muitas janelas. Você só precisa observar por onde o sol brilha. Vais embora agora?”

“Sim, estou indo embora”, respondeu Maya, estendendo a mão. “Eu tenho algumas coisas para cuidar. Adeus.”

Espero que você se recupere bem dos efeitos da era do gelo.”

E com seu zumbido delicado e seguro de si que também soava um pouco ansioso, a pequena Maya ergueu suas asas brilhantes e voou para o sol, a caminho de colher algum alimento nos prados floridos.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha, se mete em problemas (7/17)

Depois de conhecer Puck, a mosca, Maya não ficou muito feliz. Ela simplesmente não conseguia acreditar que ela estava certa sobre tudo o que disse sobre os humanos ou que tudo o que ela experimentou com os humanos era verdade. Ela tinha uma imagem muito mais agradável e bonita dos humanos em sua cabeça. Ela não queria que aquela imagem fosse mudada por acreditar em todas essas ideias ridículas sobre a humanidade. No entanto, ela ainda estava com um pouco de medo de entrar em uma casa. Como ela poderia saber se o proprietário gostaria de sua visita ou não? Mas ela se certificaria de que ninguém fosse incomodado por ela. Ela pensou nas coisas que Cassandra disse a ela. "Os humanos são bons e sábios," dissera Cassandra. "Eles são fortes e poderosos, mas nunca abusam de seu poder. Pelo contrário, onde quer que vão, trazem ordem e prosperidade. Nós, abelhas, sabendo que eles são nossos amigos, nos colocamos sob sua proteção e compartilhamos nosso mel com eles. Eles deixam o suficiente para nós durante o inverno. Oferecem-nos abrigo do frio e protegem-nos de outros animais hostis. Existem poucas criaturas no mundo que fizeram tal amizade com os humanos e trabalham voluntariamente para os humanos. Entre os insetos, fala-se muito mal dos

humanos. Não de ouvidos a eles. Se uma cidade de abelhas tentar tolaamente retornar à natureza e tentar ficar sem humanos, a cidade perecerá rapidamente. Existem muitos animais que anseiam por nosso mel e, muitas vezes, uma cidade inteira de abelhas, todos os seus edifícios e todos os seus habitantes são impiedosamente destruídos. Um ato inútil, só porque um animal quer saciar sua fome de mel.”

Isso é o que Cassandra disse a Maya sobre os humanos, e até que Maya se convencesse do contrário, ela queria manter essa crença nos humanos. Já era tarde. O sol estava se pondo atrás das árvores frutíferas da grande horta por onde Maya voava. As árvores há muito pararam de florescer, mas a abelhinha ainda se lembrava do esplendor radiante de inúmeras flores. O perfume delicioso, a luz e o brilho – ah, ela nunca esqueceria como aquilo era lindo. Enquanto voava, ela pensava em como toda aquela beleza voltaria na primavera, e seu coração batia de prazer e alegria por ela poder voar em um mundo tão bonito. No final do jardim, o jasmim



estava em plena floração com grandes plumas. As flores tinham rostos amarelos com uma coroa de branco puro. Eles tinham um cheiro deliciosamente doce enquanto Maya flutuava em uma brisa suave.

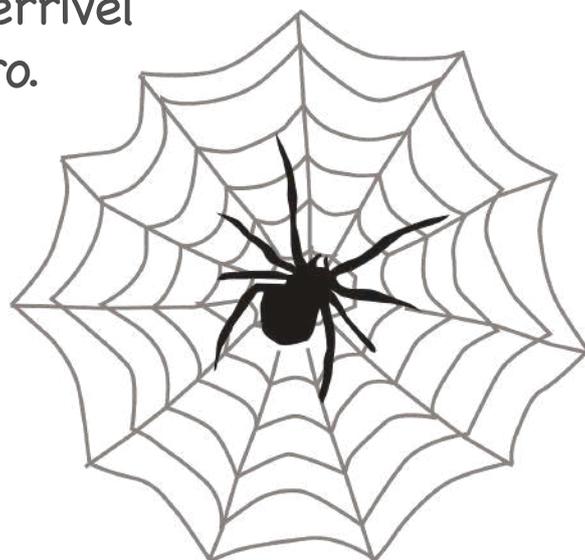
Ela voou entre os caules dos arbustos de amora que produziam bagas verdes e flores ao mesmo tempo. Mas quando ela decolou novamente para voar mais longe, algo estranho de repente caiu em sua testa e ombros, e também cobriu rapidamente suas asas. Foi a sensação mais estranha de todas, como se suas asas estivessem aleijadas e ela de repente fosse impedida de voar e caísse impotente.

Uma força invisível e malévola parecia estar segurando seus braços, pernas e asas. Mas ela não caiu. Embora ela não pudesse mais mover suas asas, ela ainda pairava, balançando, no ar. Ela subiu um pouco, depois desceu um pouco, depois foi jogada para lá, depois para o outro lado. Era como se ela fosse uma folha solta ao vento.

Maya estava angustiada, mas ainda não realmente apavorada. Por que ela estaria? Ela não sentiu nenhuma dor ou desconforto de qualquer tipo. Era apenas muito peculiar, tão peculiar, que algo terrível parecia estar à espreita no escuro.

Mas ela tinha que continuar voando. Se ela tentasse muito, certamente conseguiria.

Mas agora ela via um fio prateado e elástico sobre seu peito, mais fino que a seda mais fina. Ela ficou fria de medo e rapidamente o agarrou. Mas ele se agarrou a sua mão e ela não conseguiu se livrar dele. E havia outro fio de prata sobre seus ombros. O fio cobria suas asas e as



unia, suas asas eram impotentes. E ali, e ali! Por toda parte no ar, e acima e abaixo de seu corpo, haviam aqueles fios peculiares, brilhantes e pegajosos! Maya gritou de horror. Agora ela sabia! Oh, oh, agora ela sabia! Ela foi pega em uma teia de aranha.

Seus gritos aterrorizados ecoavam no ar tranquilo do verão, onde o sol transformava o verde das folhas em ouro, insetos voavam de um lado para o outro e pássaros voavam alegremente de árvore em árvore. Perto dali, o jasmim espalhava pelo ar seu delicioso perfume, o jasmim que ela queria alcançar... Agora estava tudo acabado. Uma borboletinha azulada, com manchas marrons brilhando como cobre nas asas, passou voando. "Oh, pobre alma," exclamou a borboleta ao ouvir os gritos de Maya e ver seu estado desesperador. "Que sua morte seja fácil, querida criança. Eu não posso te ajudar. Um dia, talvez esta noite, sofrerei o mesmo destino. Mas enquanto isso, a vida ainda é deliciosa para mim. Adeus! Não se esqueça de pensar na luz do sol durante o sono profundo da morte." E a borboleta azul voou para longe, regozijando-se com o sol, as flores e sua própria alegria de viver.

Lágrimas escorriam dos olhos de Maya e ela perdeu a compostura. Ela jogou seu corpo cativo para frente e para trás, zumbiu o mais alto que pôde e gritou por socorro. Mas quanto mais ela se movia, mais apertada ficava emaranhada na teia. Agora, nessa grande miséria, os avisos de Cassandra passaram por sua cabeça: "Cuidado com a aranha e sua teia. Se nós, Abelhas, cairmos no poder da aranha, sofreremos a morte mais

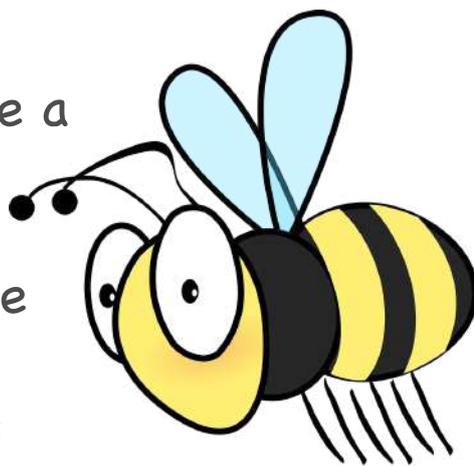
terrível. A aranha é impiedosa e astuta e, uma vez que prende alguém em sua teia, nunca mais o solta.”

Em seu terror, Maya fez uma última tentativa desesperada de se libertar. E em algum lugar, um dos fios longos e pesados se partiu. Maya sentiu que se quebrava, mas ao mesmo tempo sentia a terrível teia de aranha por toda parte. É assim que funciona uma teia de aranha, quanto mais se luta nela, mais eficaz e perigosa ela se torna. Então ela desistiu, completamente exausta. Nesse momento, ela viu a própria aranha, bem perto, debaixo de uma folha de amora. Ao ver o grande monstro, imóvel e sério, agachado como se estivesse pronto para atacar, o horror de Maya aumentou ainda mais. Os olhos perversos e brilhantes olhavam, com fria paciência, para a abelhinha.

Maya soltou um grito alto de medo. Este foi o pior de tudo. A própria morte não poderia parecer pior do que aquele monstro cinza e peludo com suas presas perversas e pernas levantadas sob seu corpo grosso. A aranha viria correndo para ela e então tudo estaria acabado. De repente, Maya ficou terrivelmente zangada, pior do que nunca. Ela esqueceu seu grande medo da morte e se concentrou em apenas uma coisa, vender sua vida o mais caro possível. Ela soltou um grito de guerra alto, claro e alarmante que todas as criaturas conheciam e temiam.

“Você pagará por sua astúcia com a morte”, ela gritou para a aranha. “Venha e tente me matar, vá em frente, você logo descobrirá do que uma Abelha é capaz.”

A aranha não recuou. Ela havia assustado criaturas maiores do que a pequena Maya. Forte em sua raiva, Maya agora fez outra tentativa violenta e desesperada de se libertar e... Um dos longos fios pendurados acima dela quebrou. A teia provavelmente foi feita para moscas e mosquitos, não para insetos tão grandes como as abelhas. Mas Maya só ficou mais enredada na rede. Em um movimento deslizante, a aranha chegou bem perto de Maya. Ela balançou suas pernas ágeis em um único fio e pendurou com o corpo reto para baixo.



"O que lhe dá o direito de quebrar minha teia?" ela murmurou para Maya. "O que você está fazendo aqui? O mundo não é grande o suficiente para você? Por que você está incomodando uma reclusa pacífica como eu?" Isso certamente não era o que Maya esperava ouvir.

"Não era minha intenção", ela gritou, mas com um vislumbre de esperança. Por mais feia que fosse a aranha, ela não parecia estar planejando nenhum mal.

"Eu não vi sua teia e fui pega nela. Eu sinto muito. Por favor, dê-me licença."

A aranha se aproximou.

"Você tem um corpinho engraçado", disse ela, soltando o fio com uma perna, depois a outra. O fio fino tremeu. Que extraordinário que um fio tão fino possa suportar uma criatura tão grande!

"Ah, por favor, me ajude a sair daqui", implorou Maya.

"Eu ficaria muito grata."

“É por isso que estou aqui,” disse a aranha, sorrindo estranhamente. Apesar de todos os seus sorrisos, ela parecia má e enganosa. “Sua luta está arruinando toda a minha teia. Apenas fique quieta por um segundo e eu a libertarei.

“Ah, obrigada! Agradeço antecipadamente!” Maya exclamou.

A aranha estava agora muito perto dela. Ela examinou cuidadosamente a teia para ver como Maya estava emaranhada.

“E quanto ao seu ferrão?” ela perguntou.

Oh, como ela parecia mesquinha e hedionda! Maya estremeceu ao pensar na aranha tocando-a, mas respondeu da forma mais gentil que pôde: “Não se preocupe com meu ferrão. Vou puxá-lo para dentro e ninguém poderá se machucar nele.

“Espero que não”, disse a aranha. “Agora, cuidado! Fique quieta. Caso contrário, é um desperdício da minha teia.” Maya permaneceu quieta. De repente, sentiu-se sendo jogada para frente e para trás no mesmo lugar, até que ficou tonta e enjoada e teve que fechar os olhos. O que está acontecendo? Ela rapidamente abriu os olhos. Ela estava completamente enredada em um novo fio pegajoso que a aranha devia ter com ela.

“Meu querido Deus!” a pequena Maya chorou baixinho, com a voz trêmula. Foi tudo o que ela disse. Agora ela via como a aranha tinha sido má. Ela havia caído nessa e agora não havia absolutamente nenhuma chance de escapar. Ela não conseguia mover nenhuma parte do corpo. Seu fim estava realmente próximo agora. Sua

raiva se foi, havia apenas uma grande tristeza em seu coração.

"Não sabia que havia tanta mesquinhez e maldade no mundo", pensou ela. "A noite escura da morte está esperando por mim. Adeus, querido sol brilhante. Adeus, minhas queridas Abelhas. Por que eu as deixei? Desejo-lhes uma vida feliz, mas, infelizmente, vou morrer".

A aranha estava em guarda, um pouco para o lado. Ela ainda estava com medo do ferrão de Maya.

"Bem, bem, e agora," ela zombou. "Como você está se sentindo, garotinha?"

Maya era orgulhosa demais para responder à falsa criatura. Depois de um tempo, ela apenas disse, quando sentiu que não aguentava mais: "Por favor, apenas me mate agora."

"Realmente!" disse a aranha e amarrou alguns fios rasgados juntos. "Realmente! Você acha que eu sou um animal tão louco quanto você? Você vai morrer de qualquer maneira, se ficar por aqui tempo suficiente, e é aí que eu vou sugar o seu sangue, quando você não puder me ferrear. Se você pudesse ver o quão terrivelmente danificou minha teia, então você perceberia que merece morrer."

Ela caiu no chão, colocou a ponta do fio recém-fiado em volta de uma pedra. Então ela correu de volta, agarrou o fio no qual a pequena presa Maya estava pendurada e arrastou sua cativa junto.

"Vou colocar você na sombra, querida", ela disse, "para que você não seque aqui ao sol. Além disso, pendurada aqui, você parece um espantalho. Você assusta outros mortais que não estão prestando atenção para onde

estão indo. Às vezes, os pardais vêm e invadem minha teia. A propósito, meu nome é Thekla, sou parente de aranhas cruzadas. Não precisa me dizer seu nome. Não faz diferença. Você é uma Abelha boa e gorda e terá um sabor deliciosamente tenro e suculento.”

Então lá estava a pequena Maya pendurada na sombra do arbusto de amora, perto do chão, completamente à mercê da aranha cruel, que queria deixá-la morrer por uma morte lenta de fome. Com a cabeça baixa – uma posição desconfortável para estar – ela logo sentiu que não levaria muitos minutos. Ela choramingou baixinho, e seu grito de socorro ficou cada vez mais fraco. Quem poderia ouvi-la agora? Sua colônia de abelhas não sabia nada sobre esse desastre, então eles não poderiam ajudá-la. De repente, ela ouviu alguém rosnando na grama: “Afastese! Estou chegando.”

O coração de Maya começou a bater rápido. Ela reconheceu a voz de Bobbie, o besouro.

“Bobbie”, ela gritou o mais alto que pôde, “Bobbie, querido Bobbie!”

“Saia do caminho! Estou chegando.”

— Mas não estou no seu caminho, Bobbie — gritou Maya.

“Não, estou pendurada acima de sua cabeça. A aranha me pegou.

“Quem é você?” perguntou Bobbie. “Tantas pessoas me conhecem. Você sabe disso, não é?”

“Eu sou Maya – Maya, a Abelha. Oh, por favor, me ajude, por favor!”

“Maya? Maya? – Ah, agora eu me lembro. Você me conheceu há algumas semanas. Você está em péssimo estado, se assim posso dizer. Você certamente precisa da

minha ajuda. Como por acaso tenho um pouco de tempo, não vou recusar.

"Oh, Bobbie, você pode rasgar esses fios?"

"Rasgar? Esses fios? Não me insulte. Bobbie flexionou os músculos do braço. "Olhe para os músculos duros como aço. Posso fazer muito mais do que quebrar algumas teias de aranha. Você vai ver."

Bobbie rastejou até a folha, agarrou o fio no qual Maya estava pendurada, agarrou-se a ele e depois soltou a folha. O fio se partiu e os dois caíram no chão.

"Este é apenas o começo", disse Bobbie. — Mas Maya, você está tremendo. Minha querida criança, por que você tem tanto medo da morte? Você deve olhar a morte calmamente nos olhos, assim como eu. Então vou tirar você daqui agora.

Maya não conseguia falar. Lágrimas de felicidade rolaram por suas bochechas. Ela seria livre novamente, voaria ao sol, voaria para onde quisesse. Ela viveria de novo! Bobbie libertou Maya da teia de aranha. Mas então ela viu a aranha descer ao longo do arbusto de amora.

"Bobbie", ela gritou, "a aranha está vindo!"

Bobbie continuou calmamente e apenas riu para si mesmo. Ele era realmente um inseto excepcionalmente forte.

"Ela vai pensar duas vezes antes de se aproximar", disse ele.

Mas então a voz maldosa soou acima deles: "Ladrões! Ajudem! Estou sendo roubada. Seu gordo, seu gordo, o que você está fazendo com a minha presa?"

“Não se preocupe, madame”, disse Bobbie. “Se você disser outra palavra que eu não goste, vou rasgar toda a sua teia em pedaços. Agora, diga-me, por que você está tão quieta de repente?”

“Estou derrotada,” disse a aranha.

“É melhor você sair daqui agora”, comentou Bobbie.

A aranha lançou a Bobbie um olhar cheio de ódio e veneno, mas reconsiderou quando ela olhou para sua teia e lentamente se virou, com raiva, xingando e resmungando. Presas e ferrões eram inúteis. Eles não deixariam nem um traço na casca grossa que os besouros carregavam. Com violentos murmúrios sobre a injustiça do mundo, a aranha se escondeu em uma folha murcha, de onde podia espiar e vigiar sua teia. Enquanto isso, Bobbie libertou Maya. Ele rasgou os fios em torno de suas pernas e asas. O resto ela poderia fazer sozinha. Como ela estava feliz! Mas ela teve que se mover devagar, pois ainda estava fraca com o choque. “Você só precisa esquecer o que passou”, disse Bobbie. “Então você vai parar de tremer. Agora veja se você pode voar. Tente.”

Maya levantou-se com um zumbido suave. Suas asas ainda funcionavam perfeitamente e, para sua grande alegria, ela sentiu que nenhuma parte de seu corpo havia sido ferida. Ela voou lentamente para as flores de jasmim, bebeu avidamente da seiva de mel deliciosamente perfumada e voltou para Bobbie, que havia deixado os arbustos de amora e estava sentado na grama.

"Agradeço de todo o meu coração e alma", disse Maya, profundamente comovida e muito feliz com sua liberdade reconquistada.

"Uma palavra de agradecimento é necessária", disse Bobbie. "Mas sou só eu sendo eu mesmo: sempre faço algo pelos outros. Agora voe para longe rapidamente. Aconselho você a ir para a cama cedo esta noite. Você tem um longo caminho a percorrer?"

"Não", disse Maya. "Não preciso ir muito longe. Eu moro na orla da floresta de faias. Adeus, Bobbie, nunca vou te esquecer, nunca, nunca, enquanto eu viver. Adeus!"

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

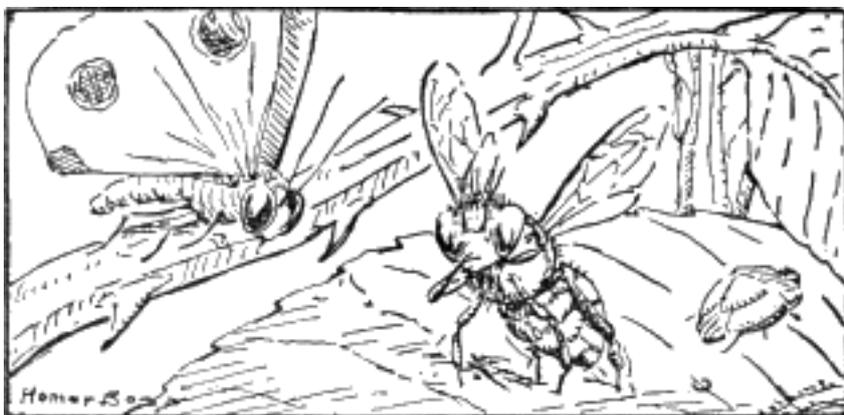
Maya, a abelha e a Borboleta (8/17)

Sua aventura com a aranha deu a Maya algo em que pensar. Ela resolveu ser mais cuidadosa no futuro e não agir de forma tão imprudente e precipitada. Os avisos de Cassandra para ser cautelosa com os grandes perigos que ameaçam as abelhas, ela teve que levar a sério. E havia muitas oportunidades para explorar, o mundo era um lugar tão grande. Havia tanto para ver e fazer para uma pequena abelha.

Especialmente à noite, quando anoitecia e Maya estava sozinha, ela pensava nisso. Mas na manhã seguinte, quando o sol brilhava, ela geralmente esquecia tudo o que a preocupava. Seu desejo por novas experiências a levou de volta à feliz correria da vida.

Um dia ela conheceu uma criatura muito curiosa. Era angular, mas plana como uma panqueca. Sua carapaça parecia bem arrumada, mas se tinha asas, isso não estava totalmente claro. A estranha criaturinha estava sentada completamente imóvel na sombra de uma folha de framboesa com os olhos semicerrados, aparentemente perdida em meditação. O delicioso aroma de framboesas enchia o ar. Maya queria saber que tipo de animal era. Ela voou para a folha próxima e perguntou: "Como você está?" A criatura não respondeu.

"Então como você está?" E Maya bateu em sua folha. O objeto plano abriu um olho, apontou para Maya e disse: "Uma abelha. O mundo está cheio de abelhas", e fechou os olhos novamente.



"Que criatura estranha é essa", pensou Maya, e ela estava determinada a descobrir o

segredo do animal. Isso despertou sua curiosidade mais do que nunca! Então ela tentou com mel. "Tenho bastante mel", disse ela. "Posso oferecer-lhe um pouco?" A estranha abriu um olho e olhou pensativa para Maya por um ou dois segundos. "O que vai dizer desta vez?" Maya se perguntou.

Mas desta vez não houve resposta alguma. O único olho acabou de fechar novamente e a estranha ficou sentada muito quieta, segura na sombra da folha, de modo que você não podia ver suas pernas. Você quase poderia pensar que a criatura foi achatada com um polegar. Claro, Maya percebeu que a estranha queria ignorá-la, mas - você sabe como a abelhinha é - ela não gosta de ser ignorada ou criticada, principalmente se ainda não descobriu o que quer saber.

"Seja você quem for", gritou Maya, "posso dizer que os insetos têm o hábito de se cumprimentar, especialmente quando um deles é uma abelha." O inseto ficou parado,

imóvel, e não abria o único olho. "Certamente está doente", pensou Maya. "Como é horrível ficar doente em um dia lindo como este. É por isso que fica na sombra." Ela voou até a folha e sentou-se ao lado da criatura. "Você não está se sentindo bem?" ela perguntou, tão gentilmente quanto possível.

Com isso, a criatura engraçada começou a se afastar. "Mover" é a única palavra a ser usada porque ele não andou, correu, voou ou pulou de verdade. Continuava como se fosse empurrada por uma mão invisível.

"Não tem pernas. É por isso que está com tanta raiva", pensou Maya.

Quando chegou ao caule da folha, parou por um momento, depois continuou e, para espanto de Maya, ela viu que havia deixado uma pequena gota marrom na folha.

"Que estranho", pensou ela. Mas então ela rapidamente colocou a mão na frente do nariz e segurou com força. Um enorme fedor veio da pequena gota marrom. Maya quase desmaiou. Ela voou o mais rápido que pôde e sentou-se em uma framboesa, onde ainda mantinha o nariz apertado e tremia de desgosto e excitação.

"Por que você tocaria em um percevejo?" alguém acima dela gritou e riu.

"Não ria!" Maya gritou.

Ela olhou para cima. Uma borboleta branca pousou em um galho fino e ondulante do arbusto de framboesa e lentamente abriu e fechou suas asas largas. Sentou-se imóvel e contente ao sol. A borboleta tinha cantos pretos

nas asas e manchas pretas redondas no meio de cada asa. "Ai que lindo, que lindo!" Maya esqueceu seu aborrecimento. E ela também ficou feliz em conversar com a borboleta. Ela nunca havia visto uma antes, embora tivesse visto muitas voando.



"Oh," ela disse, "você provavelmente está certa em rir. Isso foi um percevejo?"

"Foi isso mesmo," a borboleta respondeu, ainda sorrindo. "O tipo de criatura que é melhor ficar longe. Você provavelmente ainda é muito jovem"

"Bem," Maya observou, "eu não diria exatamente isso. Eu já passei por muita coisa. Mas esse foi o primeiro espécime desse tipo que encontrei. Você pode imaginar fazer algo como o que o percevejo fez?"

A borboleta riu novamente.

"Você sabe como é", explicou ela, "os percevejos gostam de ficar sozinhos. Eles não são muito populares, então usam a gota fedorenta para chamar a atenção para si. Sem essa artimanha, provavelmente esqueceríamos sua existência rapidamente. Serve como um lembrete. E eles querem ser lembrados, de qualquer maneira."

Maya continuou a falar com a borboleta: "Suas asas são lindas, realmente tão lindas", disse Maya. "Posso me apresentar? Maya, do povo das abelhas.

A borboleta dobrou suas asas juntas e parecia apenas uma asa em pé no ar. Ela fez uma leve reverência.

"Fred", disse ela casualmente.

Maya olhou para a borboleta com espanto.

"Voe um pouco", ela pediu.

"Devo voar para longe?"

"Oh não. Eu só quero ver suas grandes asas brancas se moverem no céu azul. Mas não importa. Posso esperar até mais tarde. Onde você mora?"

"Nenhum lugar especial. Uma morada fixa é muito incômoda. A vida só ficou realmente deliciosa quando me transformei em borboleta. Antes disso, quando eu era uma lagarta, tudo o que fazia era sentar no repolho o dia todo, comer e brigar."

"O que você quer dizer exatamente?" Maya perguntou, confusa.

"Antes, eu era uma lagarta", explicou Fred.

"Isso nunca poderia ter sido possível!" Maya exclamou.

"Bem, bem", disse Fred, apontando ambas as antenas diretamente para Maya, "todo mundo sabe que uma borboleta começa como uma lagarta. Até os humanos sabem disso.

Maya ficou completamente perplexa. Poderia algo assim realmente acontecer?

"Você realmente tem que explicar isso com mais clareza", disse ela. "Eu não poderia simplesmente tomar o que você disse como certo. Você não pode esperar isso de mim."

A borboleta pousou ao lado da abelhinha no galho fino e ondulante do arbusto de framboesa, e as duas balançaram juntas na brisa da manhã. Enquanto isso, a borboleta contou à abelha como havia começado a vida

como uma lagarta e então, um dia, quando trocou sua última pele de lagarta, emergiu como uma crisálida.

“Depois de algumas semanas”, continuou ela, “acordei de meu sono escuro e quebrei a casca da crisálida. Eu não posso te dizer, Maya, que sensação toma conta de você quando de repente você vê o sol novamente depois de tanto tempo. Senti como se estivesse derretendo em um oceano quente e dourado e amei tanto minha vida que meu coração começou a bater forte.”

“Eu entendo perfeitamente”, disse Maya. “Eu também me senti assim quando deixei a vida cotidiana de nossa cidade Abelha e voei para o mundo brilhante e perfumado das flores.” A abelhinha ficou em silêncio por um momento, pensando em seu primeiro voo. Mas então ela queria saber como as grandes asas da borboleta poderiam crescer no pequeno espaço da crisálida.

Fred explicou a ela.

“As asas ficam completamente dobradas, assim como as pétalas de uma flor em botão. Quando o tempo está claro e quente, a flor tem que abrir, não pode evitar, e as pétalas se abrem. Então minhas asas foram primeiro dobradas e depois desdobradas. Ninguém pode resistir à luz do sol quando ele brilha.”

“Não, ninguém pode resistir ao sol”, refletiu Maya, enquanto olhava para a borboleta sentada na luz dourada da manhã, branco puro contra o céu azul.

“Muitas vezes as pessoas nos acusam de ser frívolos”, disse Fred. “Mas estamos verdadeiramente felizes – apenas isso – simplesmente felizes. Eles não acreditariam na seriedade com que às vezes penso na vida.”

“Diga-me o que você pensa.”

“Ah”, disse Fred, “eu penso no futuro. É muito interessante pensar no futuro. Mas agora eu gostaria de voar. Os prados nas colinas estão cheios de mil-folhas e outras belas flores, tudo está em flor. Eu gostaria de estar lá, você sabe.

Maya entendeu isso muito bem, então eles se despediram e voaram em direções diferentes. A borboleta branca balançava silenciosamente como se impulsionada pelo vento suave. E a pequena Maya voou, com o zumbido de abelha ao redor de uma flor. O som que ouvimos em dias bonitos e que sempre lembramos quando pensamos no verão.



Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha e a perna perdida (9/17)

No oco da árvore onde Maya se instalara para passar o verão, também vivia uma família de besouros. Fridolin, o pai, era um besouro trabalhador que se esforçava muito para cuidar de sua grande família. Ele estava muito orgulhoso de seus cinco filhos enérgicos, que haviam cavado seus próprios túneis sinuosos no tronco do pinheiro.

Certa manhã, como sempre fazia, Fridolin veio desejar-lhe bom dia e perguntou se ela havia dormido bem.

“Você não vai voar hoje?” ele perguntou.

“Não, está ventando muito.”

Realmente estava ventando. O vento uivava, jogando os galhos para cima e para baixo e soprando as folhas das árvores. Após cada rajada de vento, o céu clareava, mas as árvores ficavam mais nuas. Até o pinheiro onde Maya e Fridolin viviam estalava e gemia com o vento.

Fridolin suspirou. “Eu trabalhei duro a noite toda. Você tem que fazer algo para chegar em algum lugar. Mas não estou nada feliz com este pinheiro, outra árvore teria sido melhor”, disse ele a Maya. Fridolin suspirou e disse preocupado: “Ah, a vida seria muito bonita se não existissem os pica-paus”.

Maya assentiu. “Sim, de fato, você está certo. O pica-pau come todos os insetos que vê.”

“Se isso fosse tudo, se ele apenas comesse as criaturas descuidadas, então eu diria que um pica-pau também precisa viver. Mas o fato de ele nos seguir profundamente em nossos túneis na árvore é realmente inapropriado”, observou Fridolin.

“Mas ele não pode fazer isso. Ele é muito grande, certo?”

Fridolin olhou para Maya com uma expressão séria, ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça duas ou três vezes. Ele parecia se sentir muito importante porque sabia algo que ela não sabia. “Seu tamanho não importa, minha querida abelha, temos medo de sua língua.”

Maya olhou para ele com os olhos arregalados. Fridolin contou a ela sobre a língua do pica-pau: era longa e fina, redonda como um verme, e como arame farpado e pegajosa. “Ele pode esticar a língua dez vezes o meu comprimento e depois enfiá-la profundamente em todas as rachaduras e fendas da árvore na esperança de encontrar algo lá. É assim que ele entra em nossas casas também.”

“Não me assusto facilmente”, disse Maya, “mas isso é assustador.”

“Ah, não precisa ter medo, você tem um ferrão”, disse Fridolin, um pouco ciumento. “Mas é diferente com nós, besouros.”

Maya ficou ouvindo com o coração acelerado, pensando em suas próprias aventuras no passado e nos acidentes que ainda poderiam acontecer com ela. De repente ela ouviu Fridolin rindo. Ela olhou surpresa. “Olha quem está aqui”, exclamou.

Maya viu uma criatura notável subindo lentamente pelo tronco. Ela não sabia que tais criaturas existiam. “Não deveríamos nos esconder?” ela perguntou, quando o medo superou seu espanto.

“Não seja boba”, respondeu o besouro, “fique quieta e seja educada com ele. Ele é muito culto e também gentil e engraçado. Olha o que ele está fazendo agora!” “Ele está lutando contra o vento”, disse Fridolin e riu. “Espero que as pernas dele não fiquem emaranhadas.”

“Esses longos fios são realmente as pernas dele?” perguntou Maya, com os olhos bem abertos. “Nunca vi nada igual.”

Enquanto isso, Maya podia ver melhor o recém-chegado. Seu corpo, sobre suas longas pernas, parecia balançar no ar e parecia que ele tinha que se segurar em todos os lados. Ele cautelosamente deu um passo à frente, a pequena bola marrom de seu corpo movendo-se para cima e para baixo, e ele se agarrou à árvore com todas as pernas.

Maya bateu palmas. “Bem, você sabe, mesmo em meus sonhos, essas pernas delicadas não existiriam. Elas são tão finas quanto o cabelo e você pode usá-las assim mesmo. Acho incrível, Fridolin.”

Então o estranho se juntou a eles e olhou para Maya com suas pernas altas e pontudas.

“Bom dia”, disse ele, “que vento”, e agarrou-se à árvore o mais forte que pôde.

Fridolin se virou para esconder o riso, mas a pequena Maya educadamente concordou com ele e explicou que ela não voava por causa do vento. Então ela se

apresentou. O estranho olhou para ela através de suas pernas.

“Maya, do Povo das Abelhas, estou feliz em conhecê-la. Eu mesmo pertenço à família das aranhas, das aranhas de pernas compridas. Meu nome é Hannibal.”

As aranhas têm uma má reputação entre os pequenos insetos e Maya não conseguia esconder seu medo completamente. Ela pensou com medo em sua aventura na teia da aranha Thekla. Mas ela pensou: “Eu sempre posso voar para longe, ele não tem asas e sua teia está em outro lugar”.

“Se você não se importa, eu vou sentar no seu grande galho também.”

“Bem, é claro”, disse Maya, abrindo espaço para ele.

“Existem tantos tipos diferentes de animais no mundo”, ela pensou. “Uma nova descoberta a cada dia.” De repente, ela exclamou: “Hannibal, você tem uma perna a mais.”

“Você finalmente notou,” ele disse tristemente. “Mas, na verdade, estou perdendo uma perna, não muitas.”

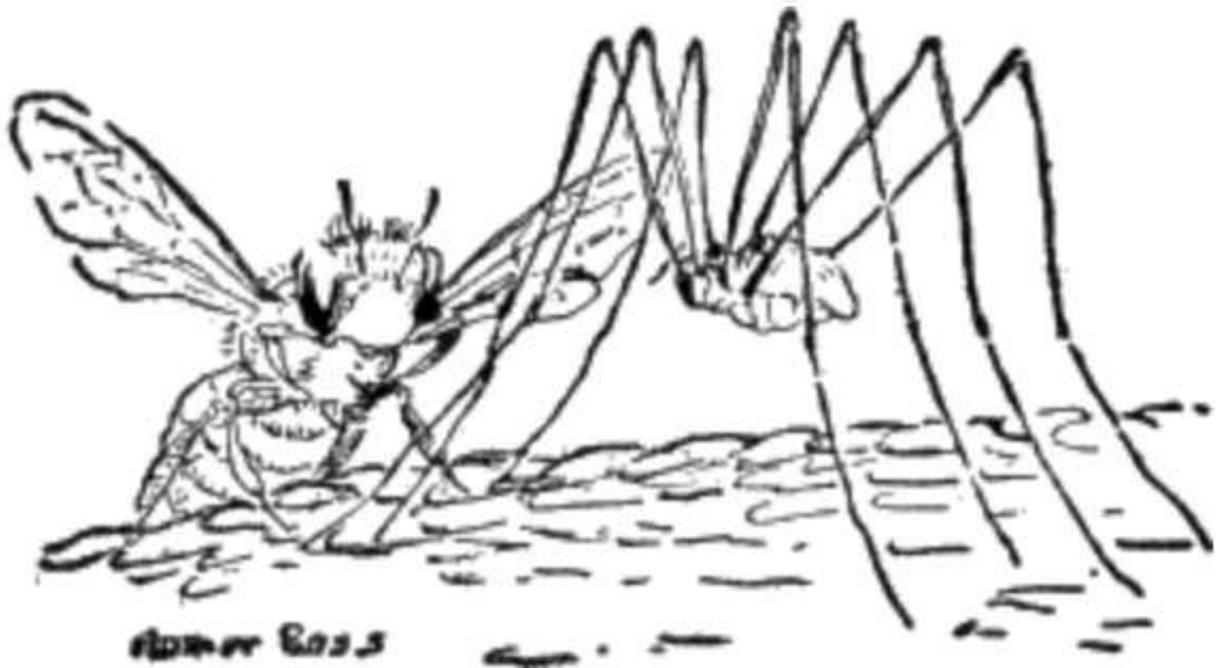
“Por que? Você costuma ter oito pernas?”

“Nós, aranhas, temos oito pernas e precisamos de todas elas. Perdi uma das minhas pernas, realmente muito ruim, mas faço o melhor possível.”

“Deve ser terrível perder uma perna”, disse Maya com simpatia.

Hannibal apoiou o queixo na mão e arrumou as pernas sob o corpo de modo que não fosse fácil contá-las. “Eu vou te contar como isso aconteceu. Claro, um humano estava envolvido. Nós, aranhas, somos cuidadosas, mas os humanos são descuidados.”

“Ah, por favor, conte-me a história”, disse Maya, acomodando-se.



“Ouça,” disse Hannibal. “Nós, aranhas, caçamos à noite. Eu morava em um galpão de jardim onde podia entrar e sair facilmente. Uma noite, um homem veio com uma lâmpada, papel e tinta porque queria escrever seus pensamentos. Ele escreveu sobre insetos, mas os humanos realmente sabem muito pouco sobre nosso povo inseto. Uma noite, como sempre, eu estava sentado no parapeito de uma janela e o homem estava sentado à mesa. Irritava-me terrivelmente que um enxame de pequenas moscas e mosquitos, dos quais dependo para meu sustento, estivesse sentado sobre a lâmpada e olhando para ela. Eles estariam melhor do lado de fora, sob as folhas, onde estariam protegidos da lâmpada e onde eu poderia pegá-los. Naquela noite fatídica, vi alguns mosquitos morrerem sob a lâmpada. O homem os deixou lá, então decidi ir buscá-los eu mesmo. Essa foi a

minha queda. Eu rastejei até a perna da mesa e cuidadosamente caminhei até a lâmpada. Mas quando passei a garrafa, o homem me agarrou. Ele me levantou por uma das minhas pernas e me balançou para frente e para trás enquanto ria muito. E eu apenas olhei em seus grandes olhos.”

Hannibal suspirou e a pequena Maya permaneceu muito quieta. Sua cabeça girava com a história. “Os humanos têm olhos tão grandes?” ela finalmente perguntou.

“Por favor, imagine como foi para mim,” Hannibal gritou com raiva. “Eu estava pendurado por uma perna na frente daqueles olhos grandes.”

“Terrível! Realmente terrível!”

“Felizmente, minha perna quebrou. Caso contrário, algo muito pior teria acontecido. Caí na mesa e corri o mais rápido que pude. Ele colocou minha perna, que ainda estava se movendo, em um pedaço de papel branco.”

“Sua perna ainda se movia?” Maya perguntou incrédula.

“Sim. Nossas pernas sempre se movem quando são puxadas. Minha perna corria, mas como eu não estava lá, ela não sabia para onde correr.”

“Impossível”, disse Maya, “uma perna arrancada não pode mais se mover.”

“Você ainda é muito jovem para entender, mas nossas pernas continuam se movendo mesmo quando estão separadas de nossos corpos”, disse a aranha com raiva.

“Não posso acreditar sem provas.”

“Você acha que eu cortaria uma perna só para satisfazê-la?” disse Hannibal, ainda mais irritado. “Nunca mais quero ver você. Ninguém jamais duvidou de minhas palavras.”

Maya não entendia o que havia incomodado tanto a aranha ou que coisa terrível ela havia feito.

“Não é fácil lidar com estranhos”, pensou ela. “Eles não pensam como nós e não veem que não queremos fazer mal.” Ela olhou tristemente para a aranha furiosa.

Hannibal aparentemente confundiu a bondade de Maya com fraqueza. Agora algo incomum aconteceu com a abelhinha. De repente, ela se tornou muito corajosa. Ela se levantou, ergueu suas lindas asas transparentes, zumbiu seu zumbido alto e claro e disse com um brilho

nos olhos: “Eu sou uma abelha, Sr. Hannibal.”

“Desculpe-me”, disse ele, e sem se despedir, virou-se e correu o mais rápido que alguém com sete pernas pode correr para o tronco da árvore.

O vento estava quase calmo e prometia ser um belo dia. Maya pensou nos prados cheios de flores e nas encostas

ensolaradas atrás do lago. E ela voou, como uma abelha feliz, alto no ar, rumo aos prados com seus alegres tapetes de flores, e estava feliz por estar viva.



Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha e as maravilhas da noite (10/17)

No verão, a pequena Maya voava alegremente e vivia muitas aventuras. No entanto, ela sentia falta das outras abelhas e do reino. Ela ansiava por um trabalho útil. As abelhas são criaturas inquietas. No entanto, a pequena Maya ainda não estava pronta para viver no reino das abelhas para sempre. Nem toda abelha pode se adaptar bem, assim como acontece com as pessoas. Devemos ter cuidado para não julgá-las, mas dar-lhes uma chance de provar a si mesmas. Por trás de seu comportamento peculiar, existe um desejo profundo por algo mais bonito do que a vida cotidiana.

A pequena Maya era um ser puro e sensível com um interesse genuíno em tudo o que o mundo tinha a oferecer. No entanto, é difícil ficar sozinho, mesmo se você estiver feliz. E quanto mais Maya vivenciava suas aventuras sozinha, mais ansiava por companhia. A essa altura, ela havia crescido de uma pequena abelha para uma bela criatura com asas fortes e um ferrão afiado. E ela era uma verdadeira aventureira.

Ela queria fazer algo com tudo o que havia aprendido ao longo do caminho. Às vezes ela queria voltar para a colméia e pedir perdão à rainha. Mas seu desejo de conhecer os humanos era maior. Segundo ela, ninguém era mais inteligente ou poderoso do que os humanos. Um

dia, ela viu uma menina dormindo entre as flores. Maya olhou para ela com espanto e a achou muito doce. Ela imediatamente esqueceu todas as coisas horríveis que tinha ouvido sobre os humanos.

Depois de um tempo, um mosquito passou e a cumprimentou. "Olha aquela garota ali. Veja como ela é boa e bonita", exclamou Maya, encantada. O mosquito lançou um olhar surpreso para Maya, então lentamente se virou e olhou para o objeto de sua admiração. "Sim, ela é uma boa humana. Acabei de prová-la. Eu a piquei. Olha, meu corpo está brilhando vermelho com o sangue dela.

Maya ficou chocada. "Será que ela vai morrer? Onde você a feriu? Como você pode fazer aquilo? Você é um predador!"

O mosquito deu uma risadinha: "Ah, acabei de picar através das meias dela. Sua ignorância é realmente incrível. Você realmente acha que os humanos são boas criaturas? Nunca conheci ninguém que voluntariamente me desse uma gota de sangue".

"Não sei muito sobre humanos, admito", disse Maya.

"Mas de todos os insetos, vocês, as abelhas, são as que mais têm a ver com os humanos. Isso é um fato conhecido."

"Deixei nosso reino," Maya confessou timidamente. "Não gostei. Eu queria aprender mais sobre o mundo exterior."

"E você gosta do mundo exterior? Admiro sua independência. Eu nunca concordaria em servir humanos."

"Mas os humanos também nos servem!" disse Maya, que não aguentou as críticas do mosquito.

"Talvez. A qual tribo você pertence?"

"Eu venho da tribo das abelhas no parque do castelo."

"Já ouvi falar disso. Respeito seu reino, onde houve uma revolta recente, correto?" disse o mosquito.

"Sim", disse Maya com orgulho. E no fundo de seu coração, ela sentiu saudades de seu povo e o desejo de servir à rainha. Ela não fez mais perguntas ao mosquito sobre humanos. Ela pensou que o mosquito era um senhor atrevido.

"Vou tomar outro bom gole", exclamou o mosquito enquanto voava para longe. Maya foi embora rapidamente. Ela não suportou ver o mosquito machucando a menina adormecida. E como o mosquito poderia fazer isso e não morrer? Cassandra não havia dito: "Se você picar um humano, você morrerá?"

Apesar desse evento, seu desejo de conhecer bem os humanos não foi satisfeito. Ela jurou ser mais corajosa e nunca parar até atingir seu objetivo. Seu desejo de conhecer os humanos se tornaria realidade, de uma forma mais bonita do que ela jamais poderia ter sonhado.

Em uma noite quente, ela foi para a cama cedo e de repente acordou no meio da noite. Quando ela abriu os olhos, viu que seu quarto tinha um brilho azulado silencioso. O brilho vinha da entrada e parecia uma cortina azul-prateada. A princípio, Maya teve medo de olhar. Mas junto com a luz veio uma calma deliciosa, e um som harmonioso podia ser ouvido. Ela olhou para fora e o mundo inteiro parecia estar enfeitiçado. As árvores e a grama estavam cobertas por um véu prateado, e tudo estava envolto nesse suave brilho azul.

“Esta deve ser a noite,” sussurrou Maya enquanto dobrava suas asas.

Um disco de prata pairava alto no céu e um lindo brilho fluía para o mundo. Maya viu inúmeras pequenas luzes no céu. Tudo estava tão quieto e bonito. Ela viu a noite com a lua e as estrelas. Ela já tinha ouvido falar deles antes, mas nunca os tinha visto. Então ela ouviu o som que a acordou novamente. Um belo chilrear. Ela não podia mais ficar em seu quarto e voou para a bela noite. Quando ela estava prestes a voar mais longe na noite prateada, Maya viu uma criatura alada pousar em uma folha de faia. Ele ergueu a cabeça e as asas para a lua e fez o chilrear prateado que Maya ouvira naquela noite.

“Que lindo, parece divino”, sussurrou Maya. Ela voou até a folha, mas quando tocou na folha, o chilrear parou. Houve um silêncio profundo que era quase sinistro.

“Boa noite”, disse Maya educadamente. “Desculpe interromper, mas a música que você faz é tão bonita que tive que descobrir de onde veio.” O grilo perguntou surpreso: “Que tipo de criatura rastejante é você? Nunca conheci ninguém como você.

“Não sou um inseto rastejante. Eu sou Maya, do povo das abelhas.”

“Oh, do povo das abelhas. Você vive de dia, não é? Eu ouvi sobre sua raça do ouriço. Ele me disse que come abelhas mortas jogadas para fora da colmeia à noite.”

“Sim”, disse Maya um tanto temerosa, “também ouvi falar do ouriço. Ele sai quando o crepúsculo cai e come insetos mortos. Mas você é amigo dessa criatura? Ele é terrivelmente rude.”

“Nós, os grilos das árvores nevadas, nos damos muito bem com ele. Claro, ele tenta nos pegar, mas nunca consegue. Nós sempre o provocamos com muito prazer.”

“Então você é um grilo de árvore”, disse Maya.

“Sim, um grilo de árvore nevada. Mas agora não tenho tempo para conversar. Eu realmente tenho que fazer música. É uma linda noite de lua cheia.”

“A noite de verão é a noite mais bonita do ano”, disse o grilo. “Isso é tudo que posso te dizer, escute minha música, e você vai concordar.” E o grilo começou a cantar novamente.

A abelhinha sentou-se silenciosamente na noite azul de verão, pensando profundamente sobre a vida. Então o silêncio caiu. Houve um zumbido suave e Maya viu o grilo voar para o luar.

“A noite também deixa uma abelha triste”, pensou ela. Então ela rapidamente voou para seu amado prado de flores. No caminho, ela viu lindas íris ao longo do riacho que brilhavam ao luar. Ela pousou em uma das pétalas azuis.

“Para onde vai toda aquela água do riacho?” ela imaginou. “Eu sei tão pouco sobre o mundo.”

De repente, uma voz delicada surgiu da flor ao lado dela. Parecia um sino claro e era diferente de qualquer som que Maya já ouvira antes. “O que poderia ser isso?” pensou a abelhinha. Então, uma pequena criatura emergiu da flor com um corpo brilhante, vestida com uma vestimenta branca.



A criatura levantou os braços para o luar e seu rosto começou a irradiar felicidade. Então, duas asas brancas se abriram. Maya nunca tinha visto nada tão bonito. A criatura brilhante começou a cantar uma canção sobre a alma das coisas que sempre permanece, o que tocou profundamente o coração de Maya. Ela até começou a chorar.

“Quem está chorando?” perguntou a criatura branca.

“Sou só eu,” Maya gaguejou. “Desculpe incomodá-la.”

“Mas por que você está chorando?”

“Talvez só porque você é tão bonita. Oh, diga-me, você é um anjo, não é?”

“Oh não, eu sou uma elfa das flores. O que você está fazendo aqui tão tarde da noite?” perguntou a elfa, olhando gentilmente para a abelha.

Maya contou a ela sobre suas aventuras e o que ela ainda desejava. Quando ela terminou, a elfa acariciou sua cabeça e olhou para ela com carinho e amor. “Nós, elfos das flores”, explicou ela, “vivemos sete noites, mas devemos permanecer na flor em que nascemos, ou morreremos ao nascer do sol.”

“Depressa, depressa! Voe de volta para sua flor!” gritou Maya, alarmada.

A elfa balançou a cabeça com tristeza e disse: “É tarde demais. Mas a maioria dos elfos das flores fica feliz em deixar suas flores porque uma grande felicidade está associada à nossa partida. Antes de morrermos,

podemos realizar o desejo mais querido da primeira criatura que encontrarmos. Assim, fazemos alguém muito feliz.”

“Que maravilha, aí eu também deixaria a flor.” Não ocorreu a Maya que ela foi a primeira criatura que a elfa conheceu. “Então você morre?” perguntou a abelha. A elfa assentiu: “Vivemos até o amanhecer, então somos levados pelos véus de névoa que flutuam sobre a grama e as flores. Parece que uma luz branca brilha desses véus. Esses são os elfos das flores. Quando se torna dia, nos transformamos em gotas de orvalho. As plantas nos bebem e nos tornamos parte de seu crescimento e florescimento até voltarmos como elfos das flores depois de um tempo.”

“Então você já foi outro elfo das flores,” Maya perguntou, com grande interesse.

“Isso mesmo, mas eu esqueci minha existência passada. Esquecemos tudo em nosso sono florido.”

“Oh, que belo destino!”

“É assim que acontece com todas as criaturas terrenas,” disse a elfa.

“Oh, estou tão feliz agora”, exclamou Maya.

“Mas você não tem um desejo?” perguntou a elfa. “Eu tenho o poder de realizar o seu desejo mais querido.”

“Meu? Eu sou apenas uma abelha. Não, isso é muito grande. Eu não mereço que você seja tão boa para mim.”

“Ninguém merece o bom e o belo. O bom e o belo chegam até nós como a luz do sol”, disse a elfa.

O coração de Maya estava disparado. Oh, claro, ela tinha um desejo, mas não se atreveu a dizê-lo. A elfa pareceu sentir isso e sorriu sabiamente.

“Gostaria de aprender sobre as pessoas no que há de melhor e mais bonito”, disse a abelhinha, timidamente. A elfa se levantou e olhou para ela com olhos cheios de confiança. Ela pegou a mão de Maya e disse: “Venha, vamos voar juntas. Seu desejo se tornará realidade.”

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha, voa com a elfa das flores (11/17)

E assim, Maya e a elfa das flores partiram juntas em uma noite clara de verão. A pequena Maya estava tão feliz que podia confiar neste lindo ser branco para conduzi-la aonde quer que fossem. Ela queria fazer mil perguntas a elfa das flores, mas não ousou. Enquanto voavam por uma fileira de árvores, uma mariposa escura zumbiu acima delas, grande e forte como um pássaro. “Espere, por favor,” chamou a Elfa das Flores. Maya ficou surpresa ao ver a rapidez com que a mariposa reagiu.

Todos os três se acomodaram em um galho, com vista para a paisagem enluarada. A mariposa batia as asas como se criasse uma brisa fresca. Listras azuis brilhantes e inclinadas marcavam suas asas. Sua cabeça parecia ser feita de veludo com um rosto como uma máscara misteriosa com olhos escuros. Quão maravilhosas são essas criaturas da noite! Um calafrio percorreu Maya, que pensou estar tendo o sonho mais estranho de sua vida.

“Você é realmente linda”, disse Maya, muito impressionada, para a mariposa.

“Quem é sua companheira de viagem?” a mariposa perguntou à Elfa das Flores.

“Uma abelha. Eu a conheci assim que deixei minha flor.”

A mariposa pareceu entender o que aquilo significava. Ela olhou para Maya quase com inveja. "Você tem muita sorte," ela disse em um tom sério e pensativo, balançando a cabeça para frente e para trás.

"Você está triste?" perguntou a calorosa Maya.

A mariposa balançou a cabeça. "Não, triste não." E ela deu a Maya um olhar tão amigável que ela gostaria de se tornar amiga dela ali mesmo.

"O morcego ainda está solto ou foi descansar?" Essa foi a pergunta pela qual a elfa das flores fez a mariposa parar.

"Oh, ele está descansando há muito tempo. Você quer saber por causa de sua companheira de viagem?"

A Elfa das Flores assentiu. Maya queria saber o que era um morcego, mas a elfa das flores parecia estar com pressa.

"Vamos, Maya", ela disse, "temos que nos apressar. A noite é tão curta."



"Posso carregá-la parte do caminho?"

perguntou a mariposa.

"Outra hora, por favor," disse a Elfa das Flores.

"Então isso nunca vai acontecer", pensou Maya enquanto voavam para longe, "porque a elfa das flores deve morrer ao amanhecer."

A mariposa ficou pensativa na folha. "Já ouvi tantas vezes que sou grisalha e feia", disse para si mesma. "E que meu padrão não pode ser comparado ao esplendor de uma borboleta. Mas a abelhinha viu algo lindo em mim! E ela perguntou se eu estava triste. Não, não estou triste", decidiu.

Enquanto isso, Maya e a Elfa das Flores voavam pelos densos arbustos do jardim. O hálito fresco do orvalho e a luz fraca da lua faziam as flores e as árvores parecerem encantadoramente belas. Maya ficou maravilhada com tudo isso. Ela apertou a mão da Elfa das Flores e olhou para ela. Uma luz de felicidade brilhou nos olhos da elfa.

"Quem poderia ter sonhado isso!" sussurrou a abelhinha. Nesse momento, ela viu algo que lhe deu um choque.

"Oh," ela exclamou, "Olhe! Uma estrela caiu! Está vagando e não consegue encontrar o caminho de volta ao seu lugar no céu."

"Isso é um vaga-lume," disse a Elfa das Flores, com um sorriso.

Agora Maya sabia por que ela gostava tanto da Elfa das Flores – a elfa nunca ria dela quando ela dizia algo errado.

"Vaga-lumes são criaturas estranhas", disse a elfa das flores. "Eles sempre carregam sua própria lâmpada e iluminam a escuridão sob os arbustos onde a lua não brilha. Mais tarde, quando estivermos entre as pessoas, você também conhecerá um vaga-lume."

"Por quê?" perguntou Maya.

"Você verá em breve."

A essa altura, elas quase desceram ao chão em um caramanchão de jasmim e damasco. Houve um leve sussurro e a elfa das flores acenou para um vaga-lume. "Você poderia fazer a gentileza", ela perguntou, "de nos dar um pouco de luz nesta folhagem escura?"

"Mas seu brilho é muito mais brilhante que o meu."

"Eu também acho," Maya exclamou animadamente.

"Tenho que me enrolar em uma folha", explicou a fada, "senão as pessoas me verão e ficarão com medo. Nós, elfos, só aparecemos em sonhos para as pessoas.

"Eu entendo," disse o vaga-lume. "Farei o que puder, mas aquela grande criatura que você tem com você vai me machucar?"

A elfa balançou a cabeça e o vaga-lume acreditou nela. Então a elfa se enrolou em uma folha. Ela arrancou um pequeno sino da grama e o colocou como capacete em sua cabeça brilhante. Apenas seu rostinho era visível, mas ninguém notaria. Ela pediu ao vaga-lume que sentasse em seu ombro e diminuísse a luz de um lado com a asa.

"Venha agora," ela disse, pegando a mão de Maya. "É melhor subirmos aqui."

Enquanto subiam a videira, Maya perguntou: "As pessoas sonham quando dormem?"

"Eles sonham quando dormem, mas às vezes até quando estão acordados. Seus sonhos são sempre mais bonitos que suas vidas."

A elfa levou o dedo mindinho aos lábios, dobrou um pequeno galho de jasmim e gentilmente empurrou Maya para frente. "Olhe para baixo," ela disse suavemente, "você verá o que sempre quis ver agora."

Maya e a fada viram duas pessoas. Em um banco, à sombra do luar, estavam sentados um menino e uma menina. A cabeça da garota descansava em seu ombro, e o garoto segurava seu braço protetoralmente ao redor dela. Sentaram-se em completo silêncio. Maya olhou para a garota de cabelos dourados e lábios vermelhos. Ela parecia melancólica, mas também muito feliz. Então ela se virou para o menino e sussurrou algo em seu ouvido, o que trouxe um sorriso mágico ao rosto dele. Maya pensou que apenas uma criatura terrena poderia se parecer com isso. Pura felicidade irradiava de seus olhos.

“Agora eu vi a coisa mais linda da minha vida”, ela sussurrou para si mesma. “Agora eu sei que as pessoas ficam mais bonitas quando estão apaixonadas.”

Ela não sabia quanto tempo ficou sentada ali, mas quando ela se virou, a luz do vaga-lume havia se apagado e a elfa das flores havia desaparecido. Ao longe, a luz do dia estava nascendo.



Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha e Elvis, a Joanelha (12/17)

O sol já estava alto quando Maya acordou em seu refúgio na floresta. O luar, o grilo, a noite de verão, a elfa da floresta e o menino e a menina no caramanchão pareciam um sonho maravilhoso. No entanto, era quase meio-dia agora, então tudo tinha sido real.

O sol brilhava forte e Maya ouviu o coro misto de mil insetos. Que diferença havia entre o que aqueles insetos sabiam e o que ela sabia! Ela estava muito orgulhosa de suas aventuras e com certeza todos poderiam ver isso. Mas o sol brilhava como sempre e nada havia mudado. Os insetos iam e vinham e pássaros e borboletas brincavam no prado florido.

Maya de repente se sentiu triste. Não havia ninguém no mundo com quem compartilhar sua alegria e tristeza. Em vez de se juntar aos outros, ela decidiu ir para a



floresta. A floresta, com suas muitas árvores e caminhos escuros, combinava melhor com seu humor.

A floresta tem seus próprios mistérios que ninguém desconfia enquanto

anda pelos caminhos. Você tem que dobrar os galhos da vegetação rasteira para o lado e espiar por entre os arbustos sobre o musgo espesso. Os segredos da floresta estão debaixo das folhas e nos buracos dos troncos das árvores. Ali você encontra felicidade e tristeza, alegria e perigo.

Maya entendia muito pouco disso enquanto voava entre as árvores. Em um momento ela voou na sombra, no momento seguinte sob o brilho do sol, que brilhava intensamente nas samambaias e amoras. Depois de um tempo, ela voou para fora da floresta e um grande campo de grãos apareceu, banhado pela luz do sol. Ela se sentou no galho de uma bétula na beira do campo e olhou sem fôlego para o mar de ouro. Os grãos ondulavam suavemente ao vento. Sob a bétula, pequenas borboletas marrons brincavam com algumas folhas. Maya as observou por um tempo.

“Deve ser muito divertido”, pensou ela, “as crianças da colméia também poderiam brincar assim. Mas Cassandra não permitiria, ela é sempre tão rígida.”

Agora que ela pensou em casa, Maya sentiu-se triste novamente. Ela estava prestes a ficar com muitas saudades de casa quando ouviu alguém dizer ao seu lado: “Bom dia. Você é uma criatura realmente perigosa, eu acho.”



Maya se virou assustada. "Não, não sou", ela disse, "decidi não ser uma criatura perigosa."

Em sua folha estava uma pequena criatura hemisférica de cor vermelha/marrom com sete pontos pretos e uma cabeça minúscula com olhos brilhantes. Maya viu que a criatura tinha pernas finas como fios. Apesar de sua aparência estranha, Maya gostou imediatamente.

"Posso perguntar quem é você? Eu mesma sou Maya, do povo das abelhas."

"Você quer me insultar? Você não tem razão para fazer isso", disse a criatura.

"Mas por que estou insultando você? Eu nem sei quem você é," Maya chorou chateada.

"É fácil dizer que você não me conhece. Bem, deixe-me refrescar sua memória." E a coisinha começou a girar lentamente.

"Você quer dizer que eu tenho que contar seus pontos?"

"Sim, se você gosta."

"Sete pontos", disse Maya.

"Bem, você ainda não sabe? Nosso nome de família é Septempuncta. Isso significa sete pontos em latim. Mas somos mais conhecidos pelo nome de família Joaninhas. Meu nome é Elvis e sou poeta de profissão."

Maya, com medo de ferir seus sentimentos novamente, não ousou dizer mais nada.

"Oh," ele disse, "e eu vivo do sol, da tranquilidade do dia e do amor da humanidade."

"Mas você não come nada?" Maya perguntou surpresa.

"Claro. Eu como pulgões. Não é óbvio?"

"Bem não. Aquilo é..."

"O que é?"

“Não é normal”, disse Maya, envergonhada.

“Bem, claro,” exclamou Elvis. “Como cidadão de bem, você só faz o que é normal. Mas nós poetas somos diferentes. Você tem um momento?”

“Sim, claro”, disse Maya.

“Então vou recitar um poema para você. Sente-se quieta e feche os olhos para que nada a distraia. O poema se chama 'A Forma do Homem' e é pessoal. Ouça: 'Você não fez nada de errado comigo. Você me encontrou, mas isso não importa. Redondo e comprido. Com um escudo. Isso se move tão rápido quanto a luz. Redondo e pontiagudo no topo. Está firmemente preso na parte inferior.'”

“Você gostou do poema?”

Elvis perguntou depois de uma pequena pausa.

Havia lágrimas em seus olhos e sua voz tremia.



“A Forma do Homem' realmente impressiona”, respondeu Maya, um tanto tímida. Mas ela

conhecia poemas muito mais bonitos.

“Você gostou da forma?” Elvis perguntou com um sorriso melancólico. Ele parecia impressionado com o efeito que havia produzido.

“Longo e redondo. Isso é o que você disse no poema.”

“Quero dizer a forma artística, a forma do meu verso.”

“Oh sim. Sim, achei muito bom.”

"O que você quer dizer é que é um dos melhores poemas que você conhece. O primeiro requisito na arte é que ela deve conter algo novo. Você também acha?"

"Definitivamente, definitivamente", disse Maya. "Eu penso..."

"Sua fé e confiança em mim me oprimem. Mas tenho que ir agora, porque a solidão é o orgulho do poeta. Até a próxima."

"Adeus", repetiu Maya, que realmente não sabia o que a criaturinha estava procurando novamente. Então ela pensou: "Talvez ele não tenha crescido completamente porque ainda é muito pequeno". Ela o observou correr sobre o galho. Suas perninhas mal eram visíveis. E Maya olhou novamente para o campo dourado de grãos onde as borboletas brincavam. O campo e as borboletas lhe davam muito mais alegria do que os poemas de Elvis, a joaninha.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha na fortaleza das vespas (13/17)

Maya aprendera algo notável. Aconteceu numa tarde por causa de um velho barril de chuva. Ela se sentou entre as flores de sabugueiro perfumadas e um tordo voou acima de sua cabeça. O pássaro era muito doce e alegre, e Maya lamentou que eles não pudessem ser amigos. O problema era que eles eram muito grandes e iriam comê-la. Ela havia se escondido no coração da flor de sabugueiro quando de repente ouviu alguém suspirar. Quando ela se virou, ela viu a criatura mais estranha que ela já tinha visto. Ele devia ter pelo menos cem pernas de cada lado do corpo, ela pensou. Ele era cerca de três vezes maior que ela, era magro e não tinha asas.

"Meu Deus", exclamou Maya em choque. "Você certamente pode correr muito rápido."

O estranho lançou-lhe um olhar pensativo. "Eu duvido," ele disse. "Eu duvido. Há espaço para melhorias. Eu tenho pernas demais. Veja bem, antes que todas as minhas pernas possam ser postas em movimento, muito tempo é perdido. Eu não percebi isso antes e muitas vezes desejei ter mais pernas. E meu desejo se tornou realidade. Mas quem é você?"

Maya se apresentou. O outro assentiu e moveu algumas de suas pernas.

"Eu sou Thomas, da família centopéia. Somos admirados por todos no mundo. Nenhum outro animal tem tantas pernas. Oito é o limite deles, até onde eu sei.

"Você é tremendamente interessante. E sua cor é tão estranha. Você tem uma família?"

"Não, por que eu deveria? De que serve uma família para mim? Nós, centopéias, eclodimos do ovo e pronto. Se não podemos ficar de pé com nossas próprias pernas, então quem pode?"

"Claro," disse Maya pensativamente, "mas você não tem amigos?"

"Não, querida criança. Eu ganho meu pão e duvido".

"Oh! Do que você duvida?"

"Eu nasci duvidando. Eu tenho que duvidar."

Maya olhou para ele com espanto. O que ele quis dizer com essa dúvida? Ela queria saber, mas não queria fazer perguntas indelicadas.

"Primeiramente, duvido que você tenha escolhido o lugar certo para descansar. Você não sabe o que tem naquele grande salgueiro ali?" disse Thomas.

"Não."



"Veja, eu duvidava que você soubesse. A fortaleza de vespas está lá."

Maya ficou um pouco pálida e quase caiu do galho de susto. Ela perguntou onde ficava

exatamente a fortaleza das vespas.

“Você vê aquele velho ninho de estorninhos, na base do salgueiro? A porta daquela casa de pássaros não está voltada para o nascer do sol, então nenhum pássaro vem. Então as vespas se mudaram para lá. As vespas são verdadeiros vilões que estão de olho nas abelhas. Eu vi tudo.”

Maya parecia com um pouco de medo da fortaleza de vespas. “É melhor se eu for embora”, disse ela. Mas era tarde demais. Ela ouviu uma risada perversa atrás dela e sentiu que estava sendo agarrada pelo pescoço.



Thomas soltou todas as pernas de uma vez e caiu de cabeça para baixo, por entre os galhos, no barril de chuva. “Eu duvido que você vá escapar,” ele gritou. Mas a pobre Maya não o ouvia mais.

A princípio, Maya não conseguiu ver seu atacante, mas de repente ela viu uma grande cabeça com longas pinças acima dela. A princípio, ela pensou que era um marimbondo enorme, mas depois lembrou que era uma vespa. A vespa era lindamente listrada de preto e amarelo e era pelo menos quatro vezes maior do que ela. Maya, que estava muito assustada, pediu ajuda baixinho. “Peça ajuda, garotinha,” disse a vespa em um

tom doce como mel. "Mas não tenho ideia se alguém virá", disse ela, enquanto sorria ameaçadoramente.

"Deixe-me ir", gritou Maya. "Deixe-me ir ou eu vou picar você no coração."

"Direto no meu coração? Muito valente. Mas haverá tempo para isso mais tarde."

Então Maya ficou com raiva. Ela reuniu todas as suas forças e, enquanto soltava um alto grito de guerra, apontou o ferrão para o meio do peito da vespa. Mas, para sua surpresa, o ferrão dobrou e não atravessou o peito da vespa. Sua armadura era muito dura para o ferrão dela. Agora a vespa também parecia zangada.

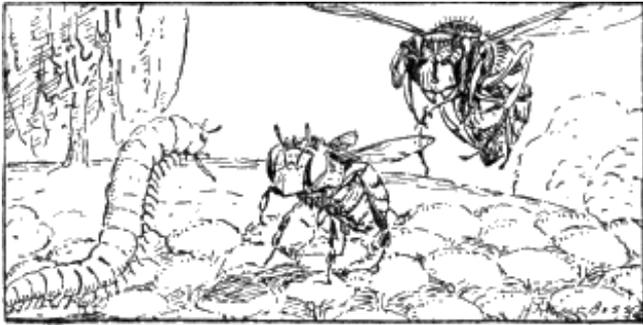
"Eu poderia puni-la e morder sua cabeça, mas prefiro levá-la para nossa rainha."

Então a vespa voou com Maya no ar e foi direto para a fortaleza das vespas. Maya achou tão assustador que desmaiou no caminho. Quando voltou a si, estava na meia-escuridão em um lugar que cheirava mal. Ela estava na prisão das vespas. Ela queria chorar, mas as lágrimas não vinham.

"Felizmente ainda não fui comida, mas isso pode acontecer", pensou ela, trêmula.

Do lado de fora, ela ouviu vozes e uma pequena luz brilhou por uma fenda estreita. As vespas não fazem suas paredes de cera, como fazem as abelhas, mas de uma massa seca que parece uma espécie de papel. Ela estava muito preocupada com o que iria acontecer com ela e começou a choramingar baixinho. Novamente ela ouviu vozes do outro lado da parede. Ela espiou pela fenda. Ela viu um enorme salão, cheio de vespas, brilhantemente iluminado por vários vaga-lumes

capturados. No meio estava a rainha vespa em um trono. Uma reunião importante estava sendo realizada. Se ela não tivesse tanto medo das vespas, seu poder e grandeza certamente a teriam impressionado. Era a



primeira vez que ela via esse tipo de inseto.

Um sargento vespão deu a volta e ordenou que os vaga-lumes dessem o máximo de luz possível.

Então Maya ouviu a rainha dizer: "Bom, vamos cumprir

os acordos que fizemos. Amanhã nossos guerreiros marcharão para um ataque à cidade das abelhas no parque do castelo. A colméia deve ser saqueada e as abelhas devem ser capturadas. Quem capturar a rainha Helena VII viva e trazê-la para mim será nomeado cavaleiro. Seja corajoso e traga-me o rico butim. A reunião está encerrada."

A rainha vespa se levantou de seu trono e saiu da sala acompanhada de seus guarda-costas.

"Minha terra", soluçou Maya, "e todas as minhas queridas abelhas." Ela estava desesperada e queria gritar. "Ninguém pode avisar meu povo. Eles serão atacados enquanto dormem. Espero que um milagre aconteça."

No corredor, as luzes dos vaga-lumes agora se apagaram e, gradualmente, tudo ficou quieto na fortaleza.

Ninguém parecia estar mais pensando em Maya. Lá fora, ela pensou ter ouvido o canto noturno dos grilos, mas estava trancada no escuro, na prisão das vespas.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a Abelha e a Sentinela (14/17)

O desespero da abelhinha deu lugar à determinação. Ela lembrou novamente que ela era uma abelha.

"Estou choramingando como se não tivesse cérebro e não pudesse fazer nada. Não é assim que honro a colônia de abelhas. Elas estão em perigo, e eu também. Se tiver que enfrentar a morte, posso ser orgulhosa e corajosa e pelo menos tentar salvar meu povo.

Mesmo estando longe de casa por muito tempo, Maya se sentia uma com seu povo. Havia uma grande responsabilidade sobre ela agora que sabia da trama das vespas. "Viva, minha rainha!" ela soluçou alto.

"Silêncio por favor!" A sentinela vespa veio em sua ronda noturna.

Assim que a sentinela se foi, Maya aumentou o vão pelo qual estivera espiando e rastejou para o corredor. Houve ronco alto. Uma luz azul fraca brilhou. Ela viu o luar e, ao longe, uma estrela brilhou. Ela soltou um profundo suspiro. "Liberdade!" ela pensou. Ela começou a engatinhar em direção à saída.

"Se eu voar agora", ela pensou, "vou sair de uma só vez." Seu coração batia como se estivesse prestes a explodir. Mas ali, na sombra da porta, estava uma sentinela, encostada a uma coluna.



Maya estava enraizada em seu lugar. Toda a sua esperança de escapar se foi. Ela poderia muito bem voltar agora que havia uma sentinela tão forte. O guarda sentinela estava

olhando para a paisagem enluarada, e sua armadura brilhava na luz. Algo na maneira como ele ficou ali mexeu com a pequena Abelha.

"Ele parece triste, mas também orgulhoso com seu lindo escudo. Ele está sempre pronto para lutar ou morrer", pensou Maya. Oh, quantas vezes a bondade de seu coração e a beleza de algo a fizeram perder todo o senso de perigo. De repente, uma flecha dourada de luz disparou do capacete da sentinela.

"Meu Deus", sussurrou Maya, "este é o meu fim." Mas o guarda sentinela disse calmamente: "Apenas venha aqui, criança."

"O que!" gritou Maya. "Você me viu?"

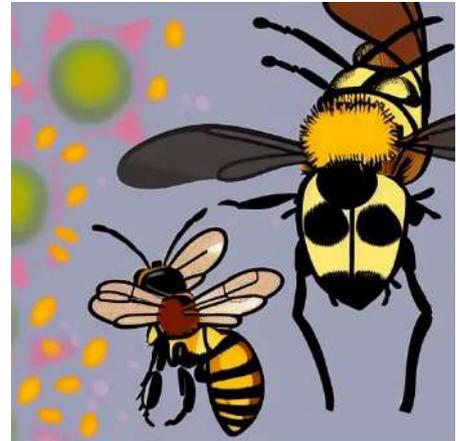
"Claro, você fez um buraco na parede e se arrastou até chegar aqui. Agora você perdeu a coragem. Estou certo?"

"É verdade", disse Maya, tremendo de medo. A sentinela a tinha visto o tempo todo. Ela se lembrou de como os sentidos das vespas eram aguçados.

"O que você está fazendo aqui?" ele perguntou alegremente. Mas Maya ainda achava que ele parecia triste. Sua mente parecia estar longe e não se preocupava com o que estava acontecendo.

“Quero sair e só estou com medo. Você parecia tão forte e bonito com aquela armadura. Mas agora eu vou lutar com você.”

O guarda sentinela sorriu espantado. Maya ficou encantada com ele.



“Não vamos lutar, pequena Abelha”, disse ele. “Suas abelhas são poderosas como pessoas, mas nós vespas somos mais fortes como indivíduos. Você pode ficar aqui conversando um pouco, mas não muito, porque eu tenho que acordar os soldados logo, e então você tem que voltar para a sua cela.”

Maya estava cheia de admiração e com grandes olhos tristes, ela olhou para seu inimigo e seguiu o impulso de seu coração: “Eu sempre ouvi coisas ruins sobre vespas. Mas você não é ruim. Eu não posso acreditar que você é ruim.”

“Existem criaturas boas e criaturas más em todos os lugares,” o guarda sentinela disse seriamente. “Mas você não deve esquecer que somos seus inimigos e sempre seremos seus inimigos.”

“Mas um inimigo deve ser sempre ruim?” perguntou Maia. “Quando te vi ao luar, esqueci que você era perigoso e cruel. Você parecia triste. Sempre pensei que os seres tristes não podem ser maus.”

A sentinela não disse nada e Maya continuou bravamente: “Você é forte. Você pode me colocar de

volta em minha cela e eu morrerei, ou você pode me libertar, se quiser."

Com isso, a sentinela se levantou. Sua armadura chacoalhou e o braço que ele ergueu brilhou ao luar. "Você está certa, eu poderia fazer isso", disse. "Mas meu povo e minha rainha confiaram esse poder a mim. Nenhuma abelha que entrar nesta fortaleza sairá dela viva. Eu permanecerei leal ao meu povo."

Depois de uma pausa, ele acrescentou suavemente:

"Aprendi por meio de uma amarga experiência como a deslealdade pode machucar, quando Lovey me deixou..."

Maya ficou comovida com seus sentimentos e palavras.

Amor por sua própria espécie, lealdade ao seu povo.

Todos cumpriram seu dever, mas todos permaneceram

inimigos uns dos outros. Lovey era uma linda libélula que

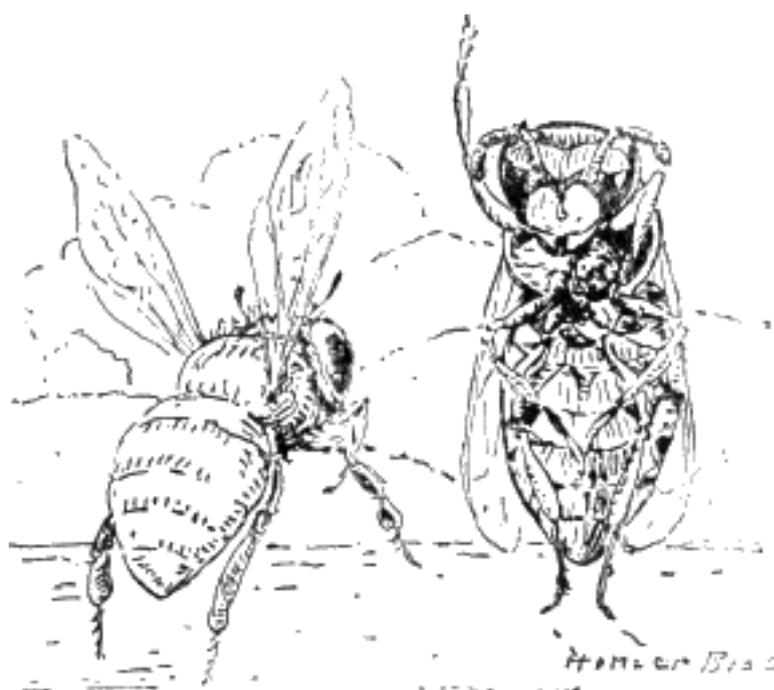
vivia na margem do lago entre os nenúfares. Maya

tremeu de excitação. Aqui estava talvez sua salvação.

Mas ela não tinha certeza. Então ela disse

cautelosamente:

"Quem é Lovey, se posso perguntar?"



"Não importa, pequena. Ela não é da sua conta e ela está perdida para mim para sempre. Nunca mais a encontrarei."

"Mas eu conheço

indiferença possível. "Ela é a mais bonita de todas." A atitude do guarda sentinela mudou repentinamente. Ele pulou para Maya e gritou: "O quê! Você conhece a Lovey? Diga-me onde ela está. Diga-me agora mesmo." "Não." Maya falou calma e resolutamente.

"Eu vou arrancar sua cabeça se você não me contar." O guarda chegou perigosamente perto.

"Isso vai acontecer de qualquer maneira. Não vou trair Lovey. Ela é uma boa amiga minha e você quer prendê-la."

Maya viu que o guarda estava lutando e tendo um conflito interno.

"Meu Deus, é hora de acordar os soldados. Não, abelhinha, não quero machucar Lovey. Eu a amo com todo meu coração. Eu daria minha vida por ela. Diga-me onde posso encontrá-la.

Maya era inteligente. Ela hesitou deliberadamente antes de dizer: "Mas eu amo minha vida".

"Se você me disser onde Lovey mora, eu a libertarei."

Maya viu que o guarda estava tendo dificuldade em dizer essas palavras.

"Você vai manter sua palavra?"

"Dou-lhe minha palavra como guarda", disse ele com orgulho.

Animada, Maya percebeu que poderia salvar seu povo a tempo.

"Eu acredito em você," ela disse. "Lovey mora em uma enseada de um grande lago, sob as tíliais perto do castelo. Você a encontrará lá todos os dias, ao meio-dia, quando o sol está alto no céu, entre os nenúfares brancos."

O guarda tinha as duas mãos pressionadas contra a testa pálida. Ele parecia estar lutando consigo mesmo. "Você está dizendo a verdade," ele finalmente disse suavemente. "Ela me contou sobre um lugar com flores brancas. Essas devem ser as flores de que você está falando. Voe para longe agora. Obrigado."

Ele deu um passo para o lado, liberando a saída. O dia rompeu.

"Um guarda mantém sua palavra", disse ele.

Ele não sabia que Maya havia ouvido a reunião e acreditava que uma abelhinha, mais ou menos, fazia pouca diferença.

"Adeus," Maya gritou, sem fôlego com a pressa, e voou para longe sem uma palavra de agradecimento. Não havia tempo a perder.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a Abelha avisa a Rainha (15/17)

A pequena Maya reuniu todas as suas forças e voou velozmente através do amanhecer púrpura até a floresta onde ela poderia se esconder se o guarda vespa viesse atrás dela. Os finos véus de névoa pairavam sobre a terra e o frio ameaçava paralisar as asas de Maya. Parecia que tudo e todos ainda estavam dormindo na terra.

Maya voou alto no céu o mais rápido que pôde para a colmeia ameaçada. Ela teve que avisar seu povo para que eles pudessem se preparar para o ataque. Se a colônia de abelhas tivesse a chance de preparar suas defesas, elas poderiam lutar contra os oponentes mais fortes. Mas se fosse um ataque surpresa, elas não teriam chance. Maya estava muito preocupada.

Ao pensar na força, energia e coragem de seu povo e em sua dedicação à rainha, a abelhinha sentiu uma raiva enorme das vespas. Ela estava orgulhosa de seu povo. Não foi fácil para ela encontrar o caminho pela floresta porque ela não se lembrava da rota que havia feito. O frio a estava machucando e ela mal conseguia ver o mundo abaixo dela.

“Oh oh, como isso vai continuar? Qual caminho devo seguir? Agora eu poderia pagar por minha deslealdade com meu povo”, pensou Maya. De repente, uma força

secreta a enviou em uma determinada direção. Talvez tenha sido a saudade de sua terra que a guiou. Ela se rendeu ao instinto e voou rapidamente. Ao longe apareciam as poderosas tílias do parque do castelo. "Para lá que tenho que ir," ela exclamou alegremente. Ela desceu em direção à terra. Fios de névoa mais espessos pairavam mais sobre os prados do que sobre a floresta. Ela pensou nos espíritos das flores que alegremente iam para a morte no orvalho da manhã. Isso lhe deu confiança novamente e seu medo desapareceu. A colônia de abelhas poderia expulsá-la de seu reino e a rainha poderia puni-la, desde que as abelhas fossem poupadas da invasão das vespas.

Ela estava agora perto do longo muro de pedra que protegia a cidade das abelhas do vento oeste. E ao longe ela viu sua terra natal entre os abetos azuis e verdes. Seu coração batia forte e ela estava sem fôlego, mas continuou a voar rapidamente em direção à entrada. Na entrada estavam duas sentinelas que gritaram "parem".



Maya não conseguiu dizer uma palavra e elas ameaçaram matá-la. É exatamente isso que acontece quando um estranho entra na cidade das abelhas sem a permissão da rainha.

"Afastese, você," gritou uma sentinela, empurrando-a com força. "Se não o fizer, nós a mataremos. O que você tem? Nunca vi nada assim antes."

Então Maya falou a senha que todas as abelhas conhecem. As sentinelas imediatamente a soltaram. "O que!?" elas exclamaram. "Você é uma de nós e não a conhecemos? Como isso é possível?"

"Deixe-me ir até a rainha", implorou a abelhinha.

"Imediatamente, rapidamente! Estamos em grande perigo."

As sentinelas ainda hesitavam. Elas não conseguiam compreender a situação.

"A rainha não pode ser acordada antes do nascer do sol", disse uma das sentinelas.

"Então a rainha nunca vai acordar viva," Maya exclamou desesperadamente. "A morte está me seguindo. Leve-me até a rainha o mais rápido possível." Sua voz soou tão zangada que as sentinelas ficaram com medo e obedeceram.

As três correram juntas pelas velhas ruas e corredores familiares da cidade das abelhas. Maya reconheceu tudo e, apesar de toda a sua excitação e pressa, seu coração tremeu de alegria ao ver as queridas cenas familiares.

"Estou em casa", ela gaguejou.

Na sala de recepção da rainha, ela quase desmaiou. Um dos guardas a apoiou enquanto o outro correu para os aposentos privados da rainha. As primeiras abelhas já estavam acordadas e curiosamente colocaram suas cabeças para fora das aberturas. A notícia se espalhou rapidamente. Dois oficiais das abelhas saíram dos aposentos privados da rainha. Maya os reconheceu imediatamente. Em silêncio solene, sem dizer uma

palavra a ela, eles se posicionaram, um de cada lado da porta: a abelha rainha logo apareceria.

Ela veio sem seus cortesãos, apenas acompanhada por sua assistente e duas damas de companhia. Ela correu direto para Maya. Quando ela viu a condição em que a criança estava, a expressão severa em seu rosto relaxou um pouco.

“Você veio com uma mensagem importante? Quem é você?”

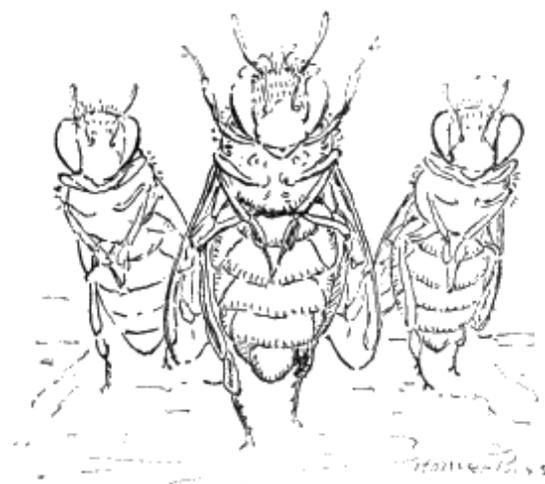
Maya conseguiu pronunciar duas palavras: “As vespas!” A rainha empalideceu, mas permaneceu calma.

“Rainha poderosa,” Maya soluçou. “Perdoe-me por não cumprir meus deveres. Mais tarde explicarei tudo, estou com remorso no coração. Mas não faz muito tempo, como por milagre, escapei do forte das vespas e a última coisa que ouvi foi que elas planejavam atacar e saquear nosso reino ao nascer do sol.”

A consternação das damas de companhia, dos guardas e da ajudante foi indescritível. Todos queriam fugir em todas as direções. Mas foi extraordinário ver como a rainha permaneceu calma quando recebeu esta terrível notícia. Ela se levantou alta e majestosa, inspirando admiração e confiança. Ela sentiu que nunca havia experimentado nada tão superior desde que se tornou rainha.

A rainha acenou para os oficiais próximos a ela e emitiu alguns comandos.

“Oh, minha rainha!” disse Maya.



A rainha curvou a cabeça para a abelhinha e olhou para ela com amor e ternura, dizendo: "Nossa gratidão é grande. Você nos salvou. O que quer que você tenha feito antes, você o tornou mil vezes melhor. Mas descanse agora, garota, você parece muito infeliz e suas asas estão tremendo."

"Eu gostaria de morrer por você", gaguejou Maya, tremendo.

"Não se preocupe conosco", respondeu a rainha. "Entre os milhares que habitam esta cidade, não há um que hesitaria em sacrificar sua vida por mim e pelo bem-estar do país. Você pode descansar agora.

Ela se inclinou e beijou a abelhinha em sua testa. Então ela acenou para as damas de companhia e disse a elas para cuidarem de Maya. Maya se comoveu com as palavras da rainha e se deixou levar. Como em um sonho, ela ouviu sons distantes e viu todas as abelhas importantes se reunindo, e sentiu a colméia balançar em suas fundações.

"Os soldados! Nossos soldados!" sussurraram as damas de companhia ao lado dela.

A última coisa que Maya ouviu antes de adormecer foi o som de soldados passando por sua porta e gritando ordens com uma voz alegre e determinada. E em seus sonhos, ela ouviu a canção das abelhas do velho soldado: "Oh, luz do sol com seus raios e brilho dourado. Através do seu brilho, nossas vidas são iluminadas. Abençoe nosso trabalho, abençoe nossa rainha. Vamos nos unir para sempre."

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha em batalha (16/17)

Houve grande excitação no reino das abelhas. A colméia roncou e zumbiu. Todas as abelhas estavam com raiva e prontas para enfrentar seu antigo inimigo na batalha até o amargo fim. No entanto, não houve desordem. Tudo foi preparado de acordo com as regras e cada soldado sabia o seu dever e estava no lugar certo na hora certa.

Ao chamado da rainha para defender a entrada, um grupo de abelhas se ofereceu. Alguns deles receberam ordens de ver se o inimigo estava se aproximando. As vespas estavam a caminho. A colmeia inteira ficou em silêncio. Os soldados estavam em fila na entrada, orgulhosos e compostos. Ninguém falou. A colméia inteira parecia ter caído em um sono profundo. Na entrada, a camada de cera de abelha era tão espessa que o buraco estava fechado pela metade.

A rainha assumiu uma posição elevada de onde poderia supervisionar a batalha. Seus assistentes voavam para frente e para trás. O terceiro mensageiro voltou. Ele caiu exausto aos pés da rainha.

“Sou o último a voltar”, gritou com toda a força que lhe restava. “Os outros estão mortos.”

“Onde estão as vespas?” perguntou a rainha.

“Nas tílias, escute”, ele gaguejou com medo.

“Quantos são?” perguntou a rainha severamente. “E responda com uma voz suave.”

“Eu contei quarenta.”



Embora a rainha tenha ficado chocada com o número do inimigo, ela não demonstrou. Com voz alta e confiante, ela disse: “Nenhum deles verá sua casa novamente.”

Suas palavras sobre a queda do inimigo tiveram

um efeito imediato. Todas as abelhas sentiram sua coragem aumentar. Então um zumbido alto foi ouvido do lado de fora da colméia. As vespas estavam se aproximando e as abelhas estavam um pouco assustadas agora. Então a voz composta da rainha soou, clara e calma, de seu alto lugar: “Deixe-os entrar um por um até que eu dê a ordem de atacar. Então vamos atacar com centenas de abelhas de uma vez e bloquear a entrada. Lembrem-se de que o destino de toda a colméia depende de sua força, resistência e coragem! Não tenham medo, o inimigo não sabe que estamos preparados!”

Então ela parou seu discurso. A primeira cabeça de vespa entrou pela porta. As abelhas tremeram, mas permaneceram em silêncio. A vespa retirou-se silenciosamente e lá fora eles o ouviram dizer: “Eles estão em um sono profundo. Mas a entrada é meio

murada e não há guardas. Não sei se isso é um bom ou mau sinal.”

“Um bom sinal!” foi ouvido. “Avançar!”

Então as vespas pularam e abriram caminho pela colmeia. Mas a abelha rainha ainda não deu ordem para atacar. Ela não poderia falar por choque? As vespas não viram que havia uma fileira de abelhas alinhadas à esquerda e à direita, prontas para lutar. Finalmente, a ordem veio de cima: “Em nome da justiça eterna, em nome de sua rainha, defendam o reino!”

Então houve um alto grito de guerra e havia apenas pilhas zumbindo para serem vistas. Uma jovem abelha, que queria atacar primeiro, não esperou pela ordem da rainha. Ela também foi a primeira a morrer. Ela picou a vespa, mas sua inimiga a pegou. As outras abelhas, encorajadas por seu ato de bravura, apenas ficaram mais ansiosas para lutar e lançaram um feroz contra-ataque. As vespas tiveram dificuldades. Mas as vespas são uma raça antiga e treinadas para lutar. Ficaram confusas com o ataque das abelhas, mas os ferrões das abelhas não atravessam os escudos das vespas e eram muitos, e uma vespa é muitas vezes maior que uma abelha.

Mas a rainha das abelhas estava certa com suas táticas. Elas dificultaram o inimigo e as vespas sucumbiram. Do lado das abelhas também havia muitas abelhas feridas e mortas. As abelhas que ainda viviam ficaram mais furiosas e lutaram ainda mais. Gradualmente, o tumulto da batalha foi se acalmando. O chamado alto das vespas do lado de fora não era mais atendido pelos intrusos do lado de dentro. Seu número caiu pela metade.



“Fomos traídos”, disse o líder.
“As abelhas foram preparadas.”

As vespas foram reunidas no abeto prateado. Pálidos e

trêmulos com a fúria da batalha, os guerreiros ficaram ao redor de seu líder, que estava em terrível conflito interno. O que ele deveria fazer? Ser cauteloso ou ceder ao seu desejo de saquear? Ele escolheu cautela. Toda a sua tribo foi ameaçada de destruição e ele relutantemente enviou um mensageiro às abelhas para exigir o retorno dos cativos. Mas não houve resposta. O líder, agora com muito medo de que todos lá dentro estivessem mortos, rapidamente enviou outro mensageiro. “Seja rápido!” ele gritou, enquanto colocava uma folha branca de jasmim na mão do mensageiro. “As pessoas virão logo, e então estaremos perdidos. Diga às abelhas que as deixaremos em paz para sempre se os cativos forem entregues a nós.”

O mensageiro saiu correndo, acenando com seu sinal branco na entrada. A rainha das abelhas foi imediatamente informada e enviou sua assistente para negociar. E ela enviou esta resposta de volta:

“Vamos entregar os mortos para você. Não há cativos. Todas as vespas que entraram em nosso território estão mortas. Não acreditamos na sua promessa de nunca mais voltar. Se você quiser continuar na luta, estamos prontos para lutar até a última abelha.”

O líder das vespas hesitou. Ele preferia se vingar, mas a razão prevaleceu.

“Vamos voltar”, disse. “Como isso pôde acontecer conosco? Não somos mais poderosos do que as abelhas? Como conto à nossa rainha sobre esta derrota? Deve haver traição em algum lugar.”

Uma vespa mais velha, conhecida como amiga da rainha, respondeu: “É verdade que somos uma raça mais poderosa, mas as abelhas são um povo unido, inabalável e leal ao seu estado. Essa é uma grande fonte de força e as torna irresistíveis. Nenhuma delas jamais se tornaria uma traidora. Elas pensam no bem-estar de todas e não em si mesmas.”

O líder mal ouviu. “Não me importo com a sabedoria de uma simples abelha. Eu sou um bandoleiro e vou morrer como um bandoleiro. Mas é inútil continuar a luta agora.” E ele enviou esta mensagem para a abelha rainha:

“Devolva-nos nossos mortos. Nós vamos nos retirar.”

“Devemos ter cuidado com a enganação”, disse a rainha das abelhas quando ouviu a decisão das vespas, mas ela tinha vinte e uma vespas mortas removidas da cidade. A batalha acabou, as abelhas venceram.

Mas a que custo? Nem uma única abelha poderia aproveitar a deliciosa manhã de verão cheia de flores perfumadas. Mas quando era meio-dia, todas as abelhas retomaram suas tarefas habituais. As abelhas não comemoraram sua vitória e não perderam tempo lamentando seus mortos. Cada abelha carregava seu orgulho e tristeza silenciosamente em seu coração e voltava ao trabalho.

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Maya, a abelha, torna-se amiga da rainha (17/17)

O barulho da batalha acordou Maya de um sono curto. Ela queria sair imediatamente para ajudar a defender a cidade, mas percebeu que ainda estava muito fraca. Um monte de abelhas lutando e uma vespa veio rolando em sua direção. Eventualmente, a vespa exausta caiu. O oficial vespa lutou o quanto pôde, sem reclamar, mas depois teve que desistir da luta. As abelhas correram de volta para a entrada.

O coração de Maya batia forte. Ela voou para o oficial vespa que estava caído, mas ainda respirando. Quando Maya viu que ele ainda estava vivo, ela trouxe para a vespa um pouco de água e mel. Mas ele balançou a cabeça e acenou com a mão.

“Pego o que quero”, disse o oficial com orgulho. “Eu não me importo com presentes.”

“Ah”, disse Maya, “só pensei que você pudesse estar com sede.”



O jovem oficial vespão sorriu para ela e então disse, não triste, mas com uma estranha seriedade: “Eu devo morrer.”

A abelhinha não

conseguiu pensar em uma resposta. Pela primeira vez em sua vida, ela pareceu entender o que significava ter que morrer.

“Se ao menos houvesse algo que eu pudesse fazer”, ela disse e começou a chorar. Mas a vespa não respondeu mais, ele estava morto.

Maya nunca esqueceu o que aprendeu com essa breve despedida. Ela agora sabia que seus inimigos eram criaturas como ela, que também amavam a vida. Ela pensou na elfa das flores que havia contado a ela sobre seu renascimento quando a primavera chegou. Ela agora queria saber se isso também era verdade para outras criaturas. “Eu vou acreditar que é,” ela disse suavemente para si mesma.

Então ela foi chamada pela rainha. Maya era muito tímida e tremia nas pernas. Havia uma atmosfera solene porque alguns dos oficiais da rainha não haviam sobrevivido à batalha. No entanto, também havia alegria. A rainha levantou-se, aproximou-se da pequena Maya e tomou-a nos braços. Maya nunca esperava isso e ficou tão profundamente tocada por esse gesto que começou a chorar.

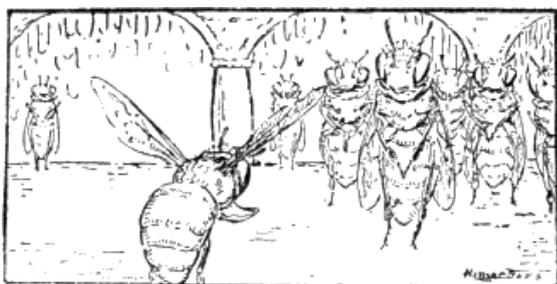
Todas as abelhas foram até lá. Todas ficaram muito gratas pelo ato de coragem dessa abelhinha. Agora Maya tinha que contar como soube do plano das vespas e como conseguiu escapar da terrível prisão. Maya contou sobre a libélula com suas asas brilhantes, sobre o gafanhoto, sobre a aranha Thekla e Puck, e como Bobbie a ajudou tanto. Quando ela falou sobre a elfa das flores e os humanos, tudo ficou muito quieto na colméia.

“Ah,” disse a rainha com um sorriso, “quem teria pensado que os elfos das flores eram tão bonitos? A música deles também é maravilhosa.”

Maya continuou sua história sobre as vespas, e todas as abelhas ouviram sem fôlego.

“Terrível,” disse a rainha, “verdadeiramente terrível...”

“E então,” Maya concluiu, “eu voltei para casa. E peço perdão a Vossa Majestade.”



Mas ninguém culpou a abelhinha por fugir da colmeia.

“Você não esqueceu sua casa e seu povo,” disse a rainha

gentilmente. “Em seu coração, você era leal. Portanto, não a banimos. De agora em diante, você ficará ao meu lado e me ajudará nos assuntos de estado. Dessa forma, você pode usar tudo o que aprendeu durante suas aventuras para seu povo e seu país.”

Então houve um aplauso de aprovação.

Assim termina a história das aventuras de Maya, a abelha.

Dizem que ela fez um bom trabalho para sua colônia de abelhas e era muito amada. Ela

agora vive como uma velhinha em sua pensão, querida. Às vezes, ela

vai conversar com as jovens abelhas à noite, que gostam de ouvir todas as aventuras que ela viveu.

